

CORRESPONDÊNCIA DE GONZAGA DUQUE A EMILIANO PERNETTA

Organização e notas por Cassiana Lacerda Carollo

Carta I ¹

Ao Emiliano Pernetta

Fiz o sagrado juramento, espalmas as mãos sobre o K'Tab, de não mais escrever-te.

O teu silêncio tem sido sphingico, ² um largo, terrível silêncio de pedra na calma apavorante do deserto. E, no entanto, endemoniado amigo, eu te conservo na minha idolatria... vives em todas as minhas recordações, continuas a ser o meu querido companheiro de mocidade.

Eu bem sei que é um symptoma étnico — a nossa ingratidão. O brasileiro possui a falta de bem-querer. Mas, em ti, meu amigo, typo excepcional no vulgarismo dos sentimentos, eu não posso compreender o característico da nossa raça.

Volta revigorar a tua memória, lembrando-te que ainda vivo.

1. Já publicada na revista *Terra do Sol*, entre as "Cartas inéditas de Gonzaga Duque" (*Terra do Sol*, revista de arte e pensamento. Rio de Janeiro. Anuário do Brasil (1) = 29, 31 ia. mar. 1924). Neste caso conservamos a ortografia da revista, enquanto que nas cartas inéditas observamos a ortografia do autor.

2. As referências ao silêncio de Emiliano Pernetta são inúmeras. Gonzaga Duque está sempre a se lamentar da posição de exilado assumida pelo poeta, exílio este que, em Curitiba, ganha outra tonalidade. Porém, esta carta certamente foi destinada a Minas, mais propriamente para Santo Antonio do Machado, onde Emiliano foi juiz municipal (conferir com nota 3) após haver sido promotor em Caldas, Minas foi, portanto, o primeiro refúgio da vida boêmia, cujo abandono parece ter sido motivado não só pela doença, mas pela crescente divergência entre os grupos simbolistas, evidenciadas pelas constantes remissões de Gonzaga Duque a uma época não só de amizade mas de prestígio. As citações — depoimentos incluídas na obra de Erasmo Piloto, sobre esta experiência e a situação em que Emiliano deixou o Rio podem ser totalizadas nesta frase: "As minhas impressões daquela época são más" (ver Erasmo Piloto *Emiliano Curitiba*, Gerpra, 1946 p. 95 — 99).

Com esta remetto-te o 1.º numero da **Rio-Revista** ³ que consegui mos fundar. Ahi verás a nossa gente, toda a **bande joyeuse** da bohemia dissidente, lutando pelo Grande Ideal. Falta o teu nome. O soneto que me mandaste para a revista que pretendiamos publicar ficou, com todos os originaes reunidos, nas garras ferozes do idiota que se propunha a edital e) como eu não desejava importunar-te com peddos dei originaes para revistas que não appareciam, protestei não convidar-te para a nossa **confraria** enquanto os ventos beneficos da realidade não enfunasse os pannos da galera d'ouro.

Ahi o tens. O 1.º esteve a naufragar por mais de um mes. Felizmente a dedicação da maioria dos nossos salvou-o e o successo foi enorme.

Sendo mensal, a revista creio que tens tempo para enviar-me alguma preciosidade. O 2.º número deverá apparecer no dia 6 de Abril

3. A **Rio Revista**, dirigida por Gonzaga Duque e Lima Campos (os mesmos fundarão **Pierrot**, **Galáxia** em 1877 e **Mercúrio** em 1901). Teve seu primeiro número publicado em março de 1895. O segundo número saiu, efetivamente, em abril do mesmo ano, com a colaboração de Emiliano "**Vida Carioca**" (Viagem rápida por assuntos que nos interessam), que transcreveremos a seguir por ser um texto esparso:

"Bem vindo seja abril.

A' janella d' Esther — a loura — as violetas turgem os pequeninos caules da florecencia, numa casta gestação de aromas.

Por isso, a minha branca princesa inspiradora, rouxinoleou um scherzô áacre, olhos postos nas camélias niveas de um jardim vizinho.

I — Dos poucos, dos rars escriptores que, em nosso tempo, se occupam com o theatro, nenhum possui os conhecimentos, a predilecção e o merito de Arthur Azevedo.

Elle nesse amalgama infirme é fermento na impudencia e na chocarrice, tem sido um honesto. Assim, ninguém melhor que o popular auctor da **Véspera de Reis**, e desse interessante, correntio, delicado lever de rideau — **ENTRE O VERMOUTH E A SOPA** — podria tomar o guião de organizador do theatro brasileiro.

O assunto, já exposto numa reunião, é de natureza opportuna e melindrosa para despertar controversias e desacordo: e pois, quaesquer que sejam as opiniões dos collaboradores da **Rio Revista** a tal respeito, os seus mantenedores estam promptos a prestar à causa e a coadjuvação que estejam nos limites de seus recursos.

II — A proposito: Final de uma palestra no Cardico do Recreio, entre um jornalista e um Sr... Publico, qualquer, pela reprise do **Timtim**:

J — Magnifico! Um successo. A Pepa vae a passos largos.

P — Porque tem boas pernas.

Abril, deixa-nos approximar do inverno, ou finge-te de Outono. Enluta teus crepusculos,

Abril, deixa-nos approximar do inverno, ou finge-te de Outono. Enluta teus crpusculos, arranca folhagem às árvores, estende melancolias griperisadas pelo céu...

III — A Notícia publicou uma resposta de Mohuy: Jurema à Ad' Caminha e F. Pimentel a respeito da Padaria de Fortaleza e a propósito da qualidade do **Pão**. Excellente como prova de progresso nos preparos indigenas dos farinaceos alimenticios... do espirito; e do resto, tudo muito novo, até o esclarecimento de que a moderna e querida Noticia" e a sala d'armas, onde se esgrimem à penna os mais galhardos paladinos das letras nacionaes". Como produtos

de padaria não é máo, mas, que pése ao nativismo resurgente, os padeiros d'alemmar não lhes ficam a dever fornadas.

O Sr. Thomaz, do Jardim da Europa a beira mar plantado, terá ocasião de chamar à **Notícia** — arena moderna das luctas da intelligencia. E provará também que a sua farinha, d'elle, não é peor que a farofa de cutros, menos padeiros e mais novos.

IV — Chronica, por si, já é chronica demais, e fazel-a leve, hysterica, esgargando floccsidades de satyra, ou confettisando ironias sobre a marcada dos assumptos, na farandola das occurrencias dos trinta dias de um mez, passa o círculo da possibilidade... Passa fóra!

Quem puder que a suporte, porque eu, confesso, fila por obedecer a um dever — impedir que a **Rio Revista** caia no typo album dos Ramilhetes e das Grinaldas.

E não temos outono!

Vamos para Junho, o nosso mez de frio, sem uma agonia lenta de crepusculo, nevoeiros de lilazes enviuvando a natureza desolada e muda.

E eu hei de phantaziar deste canto sujo da terra a queda das folhas, as rajadas precursoras das neves, sem sentir n'olfacto o perfume adormecedor da **b'noyére de France** a passagem procissional de um **mylord** estofado de casemira azul — mar, levando, ao trote certo da parelha negra, uma senhora de alta estirpe deslumbrante na elegância de suas sedas?... sem gozar das delicias da **flirt do five o' clock tea?** sem pisar tapetes nem exhibir a belleza duma capa de pelle, na premiére de valiosa obra admiravelmente interpretada, bem encenada e em sala onde se não fume, nem se cuspa no soalho, nem se esteja numa ordinária cadeira de palhinha, acotovellado pelo Soiza desdobra — fazendo do logar vizinho?...

"Que objecção de pais!"

Oh! Dona Esther, assassina, esmigalha as tuas violetas".

(**Rio Revista**, Rio de Janeiro, (2): 1, abr. 1895).

De qualquer modo as escusas constantes de Gonzaga Duque quanto à impossibilidade de publicar textos enviados por Emiliano revelam a posição dos novos grupos em relação ao poeta exilado. É interessante notar que a carta de Virgílio dirigida a Cruz e Souza, em novembro de 1890, já coloca a alteração do prestígio de Emiliano, no período da **Cidade do Rio**, diante da força e liderança dos tempos da **folha Popular**, a época sempre evocada por Gonzaga Duque.

Diz Virgílio Várzea = "A **Folha Popular** quebrou, o Pernetta enquanto seja uma generosidade incomparável, de uma alma única nada pode fazer, porque ele mesmo, apesar do seu grande talento e de sua formatura há — de falhar à vida... O Pernetta! Que esplendido rapaz! e como ele te estima! toda hora, comigo fala de ti, incessantemente. Mas o Pernetta não tem **eira** nem **beira** como diz a velha chapa, poucos gostam dele, por ele ser digno, e raros lhe dão atenção. Agora escreve na **Cidade do Rio**, como eu e o Oscar, e é considerado o seu principal redator. O Pernetta pode te arranjar na **Cidade do Rio**, com 50\$000 mensais para escreveres... etc. (apud Erasmo Pilotto p. 196).

Completem os dados sobre a fase referida os depoimentos transcritos por Erasmo Pilotto:"

De Emiliano:

"Patrocínio estava, nesse tempo, à frente da **Cidade do Rio**. Eu como todos os rapazes, que iam à Capital, nesses lances doidos para a glória paguei também tributo caro à folha vespertina. De certo não perdi com o negócio, porque tive ocasião de conhecer, ao menos, os artistas que mais considereei então, esse Gonzaga Duque, esse Virgílio Várzea, o Bernardino Lopes o Oscar e Lima Campos, sem falar no Emilio e alguns outros.

Ol nesse ano foi um delírio completo. Não houve quem não fosse, mais ou menos milionário. No rigor de expressão, pobres apenas eu, e mais uns três ou quatro.

Uma orgia, uma orgia verdadeira. Nos cafés não se bebia senão champanha (p. 96-7).

Sobre o grupo de **Folha Popular**: "Nós éramos uns sete... Eu conheci Cruz e Souza em 1890, no Rio de Janeiro (p. 175).

De Nestor Victor:

Anda, meu receiro togado³, manda-me o scepticismo irradiante dos teus versos para a fulguração da Galáxia.

E um abraço do

Duque.

9-3-1895.

³De Emiliano se foram acercando Gonzaga Duque, Oscar Rosa, Lima Campos e alguns outros, que, antes mesmo de o conhecerem, já representavam aqui um grupo de tendências, pouco simpáticos aos naturalistas e parnasianos", (p. 176).

3. O texto publicado em *Terra do Sol* inclui nota sobre a expressão "roceiro togado": "alusão ao fato de Emiliano ser auditor de Guerra". Certamente houve um lapso, pois os documentos de nomeação de Emiliano Pernetta referentes ao cargo de auditor de Guerra são de data posterior. O primeiro de 6 de fevereiro de 1899, expedido pelo Comando do 5.º Distrito Militar de Curitiba, neste ano como substituto interino. Em 20 de junho de 1910 o Ministro de Negócios de Guerra vai referendar o primeiro ato, que apenas em 8 de julho de 1971 será assinado pelo presidente Hermes da Fonseca.

Comprova a data da nomeação de Juiz, documento expedido pelo cartório de Minas que atesta a nomeação e o termo de juramento, em Santo Antonio do Machado, como de 24 de fevereiro de 1894. (Ver documentos em fac-simile).



secretaria

Commando do 5.º Distrito Militar

Quartel General em Curitiba, 9 de Fevereiro de 1899.

N.º 935

Mo. Sr. Dr. Emiliano Pernetta.

Intro. o Sr. Dr. Benjamim Amorim de Freitas Lessa, Auditor de guerra deste Distrito Militar, de tomar parte nos trabalhos do Conselho de Guerra deste Estado, ao qual é Deputado, e con-
vinco aos interesses da justiça militar ser elle substituido interinamente n'aquelle cargo, expus que acceptareis essa incumbencia sem nomeação aca-
do se effectuar.

Sua e Subordinação.
Francisco Baccant Dep. eleito
6.º

O Ministerio do Estado dos Negocios da Guerra, em nome do Sr. Presidente da Republica, resolve nomear o Bacharel Emilia-
no Pernetta para exercer interinamente o lugar de auxiliar de auditor de guerra, sujeitân-
do-se a concurso opportunamen-
te.

Rio de Janeiro, 20 de Julho
de 1910.

J. R. Pernetta

Carta II¹

Capital, 16 de Agosto de 1895.

Meu caro Pernetta,

Devorei, cheio de saudade, a deliciosa carta com que me brindaste hontem — sereno dia da veneradíssima Senhora da Glória, minha protectora madrinha, e lindo, chiroso cdro, sculpido, todo ostentante de sedas lavradas e velludos lantejoulados d'estrellas argentinas, de quem tem séde devota num ridente outeiro desta cidade.

Eu te agradeço a carta e te beijo ambas as faces, pela felicidade que me deste.

Fallas-me nesse conto — **Braço a braço** que fizeste escarpellante e enalytico e ainda me perguntas se será possível publica-lo ². Nem se pergunta. Envia-m'ó, mas com segurança, porque o Correio anda numa balburdia dos diabos. E, crê, febricitó, aneio, endoudeço por não tel-o já deante dos olhos em minhas mãos, impressionando-me com a tua segura dissecação dessa vida morrinhenta de aldeia.

Manda-me também os teus novos versos, temos a "Rio-Revista" para publicá-los, para ter a honra, o orgulho de os compor em typo elzevir, e os imprimir em setinoso papel branco como os linhos claros ao luar de Junho.

Perguntas-me pelo Gê de Acayaba, e eu tenho para te responder um simples sorriso de illusão rememoriada. Não sei se o escreverei ³, possuo uma gaveta cheia de notas e apontamentos, mas... o Zut!... o Zut! atravanca-me todas as resoluções. Refundi, segundo o meu processo de hoje, esta já refundida trabalhadeira, e até Outubro (talvez!...) dal-a-ei ao prelo; só depois desta extraordinaria felicidade é que poderei decidir-me pela **confecção** do Gê, ou pela prazerosa feitura dumas sentidas, dolentíssimas paginas de novella medieval — Anna Bella de Rian — que architectei pacientemente. Tenho trabalhado um pouco, não muito, mas tenho trabalhado. Admira-me que não tenhas lido os meus ultimos contos. Não conheces o Bemditos Olhos

1. Ver nota 1 à carta 1.

2. Trata-se de conto in-dito ou provavelmente esparso de Emiliano Da Rio Revista, até momento localizamos apenas os seus dois primeiros números, e conforme a carta sua duração vai pelo menos até agosto do ano 1895.

3. Esta expressão Zut será o nome do grupo de artistas boêmios de Mocidade Morta: "Que biltres são esses? — São — disse o Feliciano, medrosamente, n'um sussurro trêmulo: — o Zut!

Telésforo arregalou o olhar espantado, sem compreender o que ouvia... — o Zut. Foi no segundo andar de obscura locanda, em prédio encravado no laberint oda cidade, na Pension Beaumont, que se inventou o Zut, preito de alegria à graça de uma estranha rapariga, que os bizarrismos da Mocidade celebrizaram entre fumos azulados de cigarrinhos para o motejo de um tempo de irreverências "(Mocidade Morta. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1971 p. 42-43).

e o Idyllio Roseo? Irei arranjar-os, e enviar-t'os-ei juntamente com **L'Ennemi des Lois**, um exquisito, sensacional livro de M. Barrès.

E Adeus. Manda-me os versos e o conto, compensa por este modo o silencio terrível que trouxeste à nossa extremada afeição, porque daqui fica à espera de teus trabalhos o teu pobre e amantissimo.

Duque

Carta III — Inédita

Capital, 19 de Novembro de 1898

Emiliano

Sou eu quem interrompe o implacável silêncio em que temos passado, após tão longo tempo de confidente amizade... E nunca houve, sob o céu azul, almas que tão gêmeas se mostrassem no affecto e no soffrimento!...

Venho interromper este silêncio (em que tu persistes, nem sei porquê!... em que eu me acabrunho cheio de desalentos), num momento que, se não fôra a confiança em mim conservada, puríssima como sempre do que é o teu coração, ser-me-ia penoso — porque escrevo-te estas linhas a implorar de ti um obsequio.

Sei que ahí occupas o cargo de director de Instrução e como publiquei um livro destinado à educação cívica, ² preciso de que elle também seja adoptado no Estado do Paraná. Também escrevi. De outros tenho promessas mas o que farão é que não sei!

Para tanto envio-te trez exemplares, sendo um para o meu sempre querido Pernetta, o meu íntimo desse tão remoto tempo de cinco anos passados, e dois para o director de instrução.

Acompanha-os um requerimento, que julgo em termos. Se for necessaria a remessa de mais exemplares e se for necessário outro requerimento, mandar-me-ás dizer. Uma cousa, porém, desde já eu

1. Trata-se de uma carta inédita. Tendo Emiliano chegado a Curitiba no dia 31 de agosto de 1896, pela data da carta e novas referências ao silêncio, naturalmente esta carta não significa o início da correspondência dirigida ao Paraná. Porém, a partir desta carta a posição assumida por Emiliano, em relação não só a Gonzaga Duque como diante do mundo literário do momento está bastante alterada. Na provincia Emiliano é o poeta adorado, influente e a tônica da correspondência por ele recebida está ligada a pedidos e favores, principalmente no sentido da divulgação de obras. Como no caso do bilhete (inédito) de Francisca Julia que transcrevemos a seguir. São Paulo, 10-11-1912

Grande Poeta e Mestre

Exmo. sr. dr. Emiliano Pernetta

Tomo a liberdade de lhe escrever para lhe fazer um pedido. Junto lhe remetto a "Alma Infantil", livro didactico feito de collaboração com o meu irmão, adoptado pelo governo de S. Paulo e vulgarisado nas escolas. Peço-lhe que me auxilie no interesse de ser adoptado nas escolas do seu Estado. Ser-lhe-á difficil obter isso?

Tem por acaso com o secretario do Interior ou com o director geral da Instrução Publica? Creio que V. Exa., com o grande prestigio do seu nome, poderá conseguir a adopção. Entretanto, não se constanja se isso lhe acarretar aborrecimentos. Contento-me que me escreva, com a possível brevidade, dando-me o seu conselho sobre o que devo fazer, e indicando-me, já que conhece tão bem o seu meio, as pessoas a quem me devo dirigir. É este o favor que lhe queria merecer. Mereço-lh'o?

Antecipa os seus agradecimentos a creada, admiradora e grata.

Francisca Julia da Silva

R. Brigadeiro Machado, 26 (Braz)

2. Trata-se da obra *Revoluções Brasileiras*; resumos históricos, publicada em 1898 (Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Commercio)

Segundo depoimento de Andrade Muricy, que foi aluno de Emiliano o livro foi adotado nas escolas locais.

te rogo é que o director de instrucção substitua o artista e o amigo se apiede, com a complacencia de outrora, de quem recorre aos seus prestimos invocando o passado.

E na simplicidade destas linhas fica o coração do teu sempre amigo, embora obscuro, emmudecido, annullado pelo infortunio ³.

Gonzaga Duque

Espero que me farás o favor de distribuir os exemplares juntos.

Rua dos Voluntarios da Patria n.º 91.

Capitol, 19 de Novembro de 1899.

Emiliano

Com eu quem interrompe o inseparavel silencio em que tenho passado, após tão longo tempo de confidatário amado de... E como? heuse, est o dia azul, alvura que tão gozosa se mostrava em a affecto e no soffrimento!

Venho interromper este silencio (que que tu permites, nem sei porque!) mas que se me acubulo abem de dentro) num momento que, se não for a confiança que a mim conservada, fôrissim como sempre, ^{do qual} tu sazes, ser-me-ia penoso porque escrever-te entendi a implosão de ti um obsequio.

Li que ali occupas o cargo de director da Instrucção e como publicares um livro de historia da educação civica preciso de que elle tambem seja objecto do Estado da Paroia. Tambem - percorro de outros teus promessas, mas o que forão e que não sei!

Para tanto envio-te tres exemplares, sendo uma para o meu sempre querido Pernetta, o meu intimo desde tão remoto tempo de caires amos passados, e dois

Carta IV Inédita¹

Prefeitura do Distrito Federal
Em 26 de setembro de 1898

Directoria
Patrimonio

Emiliano

Beijo-te as mãos, agradecido.

Não enviei os livros pelo paquete de 24 porque... sou empregado desta casa, a melhor escola do **calóte** que tenho visto; felizmente, arranjei as cousas para aproveitar o paquete de amanhã.

Recebeste as minhas cartas? Sabes se o Dario recebeu a que lhe escrevi?

Perdôa-me as pressas destas linhas, mas ainda vou **tratar** do despacho do caixote que farás o favor de mandar buscar à Paranaguá.

Quanta massada! meu dedicado amigo.

Recomenda-me ao Julio e ao Dario e sobre o coração um abraço — do teu

Duque



Prefeitura do Distrito Federal

Em 26 de... setembro de 1898...

Emiliano

Beijo-te as mãos, agradecido.

*Não enviei os livros pelo paquete de 24 por-
que... sou empregado desta casa, a melhor
escola do calóte que tenho visto; felizmente,
arranjei as cousas para aproveitar o paquete de
amanhã.*

*Recebeste as minhas cartas? Sabes se o Dario
recebeu a que lhe escrevi?*

*Perdôa-me as pressas destas linhas, mas ainda
vou tratar do despacho do caixote que farei o
favor de mandar buscar à Paranaguá.*

Quanta massada! meu dedicado amigo.

*Recomenda-me ao Julio e ao Dario e sobre o
coração um abraço — do teu*

Duque

1. Carta inédita. Sua curiosidade está na definição do ano em que Gonzaga Duque começou a trabalhar no serviço no patrimônio da Prefeitura. (Ver a Apresentação em *Mocidade Morta*, (edição — citada), onde é tomado o ano de 1908 como época em que se deu tal fato).

Carta V¹

Emiliano

Não avalias a alegria que me destel!

A tua carta foi, para minh'alma, o esplendor duma ressurreição.

Tenho-te, outra vez, no meu espirito, porque do meu coração nunca saístes, e vens trazer-me a Luz e vens dar-me o consolo. Alleluia! Alleluia!

Promettes-me uma longa, uma confidente carta, dizes que conversarás commigo brevemente, e aqui me fico esperando a tua Palavra purificando-me para a tua visita. Bemdito sejas tu, ó doce Irmão — em Magnas!

Li com amor essas paginas d'Alta Espiritualidade de **Althair** vou ler com o mesmo carinho **Alma Penitente** ². Ha muito que estimo e admiro Dario Velloso a quem me farás o favor de agradecer a offerta desses preciosos livros. Brevemente escrever-lhe-ei, porque, sobre ser uma delicadeza, é uma gratidão. **Althair** deu-me uma deleituosa emo-

1. Ver nota I à carta I

2. Ao que parece é a partir desta época que começa a se desenvolver uma correspondência paralela com Dario Velloso e que Gonzaga Duque passa a receber as revistas publicadas no Paraná. Quanto às impressões de Gonzaga Duque sobre **Althair** e **Alma Penitente** transcrevemos a seguir a carta publicada na *Club Coritibano*:

"Não posso dizer no corrente de uma carta que pretende cumprir deveres aproveitando o tempo, quanto bem, quanto conforto trouxeram ao meu espirito os teos dous ultimos livros — **Althair** e **Alma Penitente**.

Há muito tinhas em mim um admirador e eu sou, por espontânea afinidade que talvez convenções taxassem de irreverência amigo dos que admiro quando os supponho orçando o leme da Vida pela rota por onde singro, pesada e atormentadamente.

D'ahi a explicação necessária a esta intimidade de pessoa verbal. Comecei a honrar o teu nome com a leitura dos *Esquifes*, páginas que têm o nervosismo escultural, a febre expressora de *Falguières*, e entro, agora na posse da tua nova, serena, victoriosa Arte com a attenta leitura destes dous livros que me estão sob os olhos.

Sou dos que, talvez por irreflexão servida por uma boa dose de ignorância, se entusiasma facilmente pelas inovações, embora não procure praticá-las o que é um symptoma de timidez, senão de mediocridade. Mas através da noite confusa do meu espirito, sinto palpar a confiança de que será esta, não pelos processos actuaes que julgo delinearmente ou esboço de uma forma a corporizar-se nos nevoeiros da intuição a Arte do Futuro.

Dos estudos de *Papus Baradné* e *Louvs* dos rebuscamentos a experimentação de *W. Grookes* e *Berthelot* das constatações de *Rochas* e *Gibier*, dos livros do Santo *Eliphas Levy* e dos seus discipulos, vae surgir a Arte de *Amanhan*, grandiosa e sernea como *Sphinges*, mysteriosa e potente como as *Pyramides*.

Poucos, dentre os daqui, poente para onde tendem os ultimos raios de uma civilização que passa, teem a Iniciação desta Verdade. Desses raros, que eu conheço, és o que melhor imprime ao trabalho os contornos irisantes da forma desejada.

Por isso li com carinho estes dous livros, portico sagrado da Grande Sciencia. Elles são o *Sepher Jesirah* do Principio, o *telegramma kabbalistico* do *Mysterio*.

Confio em que o neophyto tome allaia do Hierophante e venha, em uma obra mais vasta, pontificar solennemente a Verdade de que nós outros, os crentes, os humildes, nos tribos alvissimos que sahiram das lãs immaculas doa lateiros do Nilo, em cujas orlas jamais sargeou a tina do Lodo, esperamos com a alma em grinalda de Crença.

Por enquanto eu te agradeço estes primeiros versos aureos de *Pythagoras*, um consolo e uma força; que são como a porta do Sul da *Pyramide*, o principio e o poder.

E portanto aperta-te a mão amiga, num fervor de agradecimento.

O Gonzaga Duque

Capital Federal, 15 de dezembro de 1898"

(*Club Coritibano*, Curitiba, 10 (1) — 1, jan. 1899)

Em 1899 a mesma revista publica o poema "D Morte" de Dario Velloso dedicado a Gonzaga Duque.

ção, só comparável à de algumas paginas de Papus, no Tratado da Sciencia Occulta, ou de Gibois na **Luz Astral**.

É justo o que me dizes sobre as **Revoluções**, não tive nenhuma palavra para o Paraná, que, por ser a tua terra, eu amo.

Mas, francamente, a não ser a sua participação no ultimo periodo da propaganda nada mais sei de sua historia que se ligue à lucta republicana. Qualquer informação que me prestes a respeito ser-me-á utilissima porque, se reedita-as pretendo ampliar e refundil-as. As encomendas devem ser dirigidas a mim. Fui o editor e preciso salvar-me das gargalheiras dos compromissos em que agoniso por me ter confiado numa promessa!... O preço do volume é 5\$000. Espero, se puder salvar algum lucro dessa primeira edição, dar ao prélo os originaes de um romance concluido — Mocidade Morta — que te offereço. Por emquanto nenhuma palavra dar-te-ei a seu respeito... Aguarda-o...

Informa-me se conheces um livro de Ch. Donos — **Verlaine Intime** — pois se não o conheces mando-te o exemplar que possúo, aproveitando da ocasião da remessa de um exemplar das "Revoluções" para o Club Coritibano. "

Rogo-te a fineza de me enviases os jornaes que fizerem referencias ao meu livro. E aperta-te a nobre mão amiga.

o teu

GONZAGA DUQUE:

3. Arroladas as principais revistas do simbolismo paranaense: O Cenáculo, Pallium, Azul, Stellaire, A Penna, Victrix, Galáxia, Turris Ebúrnea, Revista Azul, Breviário, apenas no Club Coritibano foram localizados textos de Gonzaga Duque. Uma carta a Dario Velloso (Ver nota 2). "A morte de Tiradentes" (das Revoluções) no quarto número de abril de 1900, uma carta a Emiliano, a um poema "Benditos cilhes" publicado no 15.º número de setembro de 1894.

Carta VI Inédita¹

Capital, 22 de fevereiro de 1899

Emiliano

Foi por uma clara manhã de convalescença, empós enfermidade longa e de que ainda guardo vestígios, talvez disfarçadas raízes, que li este suggestivo, este humano conto — O Inimigo ² — caprichosamente impresso e admiravelmente narrado.

Ha muito tempo que me não era dada a ventura de lêr prosa tua, a não ser epistolar, ainda assim íntima, dessa com que, por vezes, me fascinas; a que li; neste magistral conto, revela-me uma **maneira** que não tinhas ou, pelo menos, de que me escaparam os característicos nos tem trabalhos de há sete annos passados.

"O Inimigo" é, dos contos que tenho lido em portuguez, direi mais e com a cinceridade que te devo — em francez — o mais **bem feito**, o mais artisticamente rabescado em assumpto d'alta psychologia que dessécas com uma segurança fria e inescedível.

Promettes a publicação da serie em opusculos mensaes ³ e eu aneio por conhecer os que lhe seguem, pois estou certo de que vaes enrosariar camapheus preciosissimos, requintadamente burilados como jamais tem a nossa Arte escripta, embora se não menosprese as valiosas tentativas de **Alguns**.

Sinto que te possa aborrecer a extensão desta porque, se me sobressem encantos no dizer e a ti não falhasse a paciencia, (qualidade de que tens dado sobejas provas) eu estaria pelo contrariar-te na referencia final da delicadissima e parcialicimamente bondosa dedicatória. "Em estylo barbaro" — dizes — ter vasado o oíro desse trabalho. Em estylo barbaro, porque?... ⁴

Comprehendo-te. Mas um dia volveremos a este **caso**, previne me da tua disposição que eu escreverei a minha lenga-lenga.

Ether, ⁵ anuncias-me, denominaste o poema que estaes terminando e que me dedicarás.

Qual o assumpto de **Ether**? Tiraste o da theoria pantheista ou é puramente imaginativo? Suggestiona bem; é um titulo que me dei-

1. Também publicada, porém optamos pela transcrição do texto original. (nota 1 à carta I)

2. O conto O inimigo foi publicado em 1899 (Curitiba, Livraria Econômica)

3. A "Promessa sobre opúsculos mensais" deve-se aos dados da folha de rosto: "Contos de Emiliano Pernetta O Inimigo (1.ª série) Publicação mensal". Porém este foi o único conto publicado da série anunciada.

4. A dedicatória certamente relaciona-se com a nota final do conto: "Paiz de Barbaros, 1894, Daí "estilo bárbaro"

5. Trata-se de texto inédito ou esparso.

xa a pensar, a sonhar... Necessito duma leitura consolante e eu sei que encontrarei no teu poema a ronda musical das Almas, o inefável prazer da contemplação da plástica intangível, planos de sonhos, cenários de idealismo; certo que encontrarei nelle o mundo visionario que busco e que a harmonia dos teus caprichosos versos, todos recamados das ardentias lohengrinescas dos luars lendarios, fará viver como um espelho magico. É desta Arte; ó meu exilado amigo, Salomão morenos dos cantares mysticos! — é desta Arte que a cunha envolvida dolencia espera o linitivo aromal das beelezas —... , leio, como Hambet, leio, leio e só encontro palavras e palavras! Felizmente promettes esse poema e eu que te conheço a alma, a dulcissima companheira da minha na Via Lactea das Illusões, em que sei da tua extraordinaria estheica de artista, espero, confiado, nessa promessa confortante.

Bendicto serás tu.

Se a **Mocidade Morta**⁶ está escripta... Sim, está, da primeira á última linha enquanto o resultado das **Revoluções** para entregal-a ao prélo, porquanto editore não os tenro nem os quero. Mas, não esperes desse livro cousa melhor que uns detalhes de feliz acaso. O teu nome escripto na primeira página desse é uma recordação, a mais suave e boa que me acompanha nesta peregrinação de prematura velhice. Lêl-o-has, talvez em Agosto... se a... la escrever-a Sorte, emendo: se o oiro de que me fallaste me não emparedar entre duas pilhas esterlinas.

E com este ponto um abraço do teu **desabante**

Duque

Recomenda me ao Julio e ao Dario⁷ Ah! dize cá, poderei obter do Romario Martins mais longas informações sobre as tentativas separatistas (1821) do que as que elle nos deu um excellento artigo da Revista do Club Coritibano?⁸ Ainda não recebi o n.º de Janeiro, dessa revista.

6. **Mocidade Morta** foi publicado em 1899 e realmente já devia estar escrito antes de fevereiro de 1899. Conforme a última página da 1.ª edição, temos: "Sebastianópolis 1897". A obra foi publicada pela Livraria Moderna com uma tiragem de 100 exemplares em papel Imperial, 200 em papel linho Americano e capa de Julião Machado.

7. Julio Pernetta (1869) — 1921) irmão de Emiliano.

8. O artigo a que se refere Gonzaga Duque foi publicado na **Club Coritibano** número 12 de dezembro de 1898 sob o título de "Livre Paraná — 19 de dezembro".

Capitão, 22 de Fevereiro de 1899.

Emiliano

Tô por uma clara manhã de convalescença, empio capotado longe e de que ainda guarde vestígios, talvez difusos e vagos, que li este esquisito, este humano escrito a O Quinze - caprichosamente impreso e admiravelmente narrado.

Há muito tempo que me não era dada a ventura de ler a obra tua, e não sei se a tua, ainda assim íntima, deusa como que, por vezes, se fascina; a que li, real, magistral, certa, revela - nas tuas maneiras que não tinha eu, pelo menos, de que me desapparecem a característica do teu trabalho de lá de tantos países - do.

"O Quinze" é, do certo que tens lido em português, dissei mais e com a sinceridade que te devo - em francez - e mais bem feita, e mais artisticamente avaliada em *recueil* d'alta paycho - logia, que desce com uma segurança fina e inextinguível.

Prometto a publicação da serie em apêndices mensaes a eu anseio por conhecer a que de seguirem, pois sei com certeza de que tuas narrativas como sempre fascinantes, segundamente, curiosas como jamais tive a honra de te escutar, e mesmo de não me esquecer as valiosas tentativas de elucidação.

Espero que te possa abençoar a estância desta primavera, me colorem acentos, no dezoito e a te não falarem a paixão.

Carta VII'

Capital, 17 de Março de 99

Emiliano

Escrevo te um pouco apressadamente para apanhar o correio, isto é, paquete que deve sahir amanhã. Vae em tanto *á la diable*, esta carta. O assumpto exigia calma e vagar, mas tu perdoarás ao teu pobre amigo mal que estas tortuosas, desconexas causarem aos teus nervos.

Tenho duas cartas tuas, hontem recebidas, e, ha pouco tempo, recebi um confortante telegramma e o n.º de Janeiro da "Revista do Club Coritibano" em que a tua amisade foi, como sempre, incondicionalmente meiga commigo". Também és um dos raros corações que eu trago juncto do meu, e dos meus amigos és o unico que deixa na minha emotividade um claro luar de extasis. De ti, eu o sei, só recebo carinhos e dedicações que nunca poude retribuir, que nunca retribuirei condignamente. Mas o meu espírito tem e guarda a tua espiritualidade, a minh'alma está cheia da tua imagem, teu nome é a litania da minha devoção, eu o repito, eu o inovo a todo o instante para conforto do ascetismo em que vou vivendo, quasi ignorado, senão ignorado (e - a única felicidade que o Destino me deu!) dos Tumultuosos e Ostensivos, encapuchado na dolorosa e bem querida nostalgia de uma existência apenas sonhada só com os meus livros, só com os meus sonhos, só com a lembrança dos meus amigos. Conheces esta phrase do Anthero de Quental: "Descança-se!... se o tedio doloroso de nós mesmos enccntramos a força para nos sumirmos" —? Pois a tenho constantemente em memoria.

Lindissimos, artisticamente lindissimos os teus sonetos, eu os publicarei aqui com as honras que elles merecem.

1. Carta publicada por Andrade Muricy na Revista *América Latina* — Rio de Janeiro () 413, 421, 1940) porém conservamos a ortografia original.

2. O número 1 de janeiro de *Club Coritibano* além de reproduzir a carta, (já citada), a Dario Vellozo, inclui logo em seguida uma nota (texto esperso) de Emiliano Pernetta sobre Gonzaga Duque que transcrevemos a seguir:

"Gonzaga Duque

A propósito de Althair, fina medalha antiga d'Arte, gravada por Dario Vellozo, escreveu Gonzaga Duque uma preciosa carta, que acima publicamos, digna realmente dessa pequena obra prima.

Gonzaga Duque é o Artista da Nuance, por excellencia. A sua phrase d'oiro, de uma arte acabada de uma doçura dolorosa, de uma melancholia sonhadora...

Quem o lê é como quem escuta, e do fundo luminoso da sua obra impeccavel transparece o perfil suave de um Nazareno.

Pois bem. A carta que enviou a Dario Vellozo como nenhum outro documento desse raro e formosíssimo artista contém uma deliciosa surpresa para os seus maiores admiradores. Elles poderão haer um Gonzaga Duque, correcto e fidalgo como o seu próprio nome, mas procurando occultar-se delicadamente dentro de sua incomparável modestia, tal e qual nos bons tempos d'outora os seus íntimos o viram e o amaram, possuidos de uma adoração infinita...

(E.P.)"

Club Coritibano, Curitiba, 10 (1): 2, jan. 1899.

Lamento que ainda não esteja difinitivamente assentada a publicação de uma revista que pretendemos dar, senão teria o ensejo de iniciar a publicação della com estes dois magistraes sonetos.³ A revista ha vir á luz, forçosamente manteremol-a com sacrificios, embora! precisamos accentuar a nossa divergencia com esses grupos antipathicos; de um lado, essa a que te referes e ao qual mandaste exemplares d'O Inimigo, grupo que domina a imprensa desta Capital, monopolisando nome e trabalho; e do outro — o desses pretensos Novos, chatos, presumidos, velhos. E a proposito vou — ler o n.º primeiro da **"Meridional"**. Estranharás isto; confesso-te, porém que não o li e a minha collaboração (nem sei como sahio) foi accidental; satisfiz a um insistente pedido do Jobim⁴, o unico com quem entretenho relações nesse meio, e ainda bem controviado já por não conhecer os que concorriam o N.º incial, já por-me achar bastante doente, como ainda estou, sujeito a rigorosissimo tratamento. A minha neurasthenia tomou uma forma agúda, atacou-me a espinha. Nem imaginas como estou disfigurado! Olho-me e julgo-me feito á formão, escavocado e onde como uma rudimentar esculptura em madeira; a minha pele Lembras te da minha pelle romantica? . . . pois, meu amigo, tenho na lixenta e biliosa, feissima! — A cabeça encarneceu de todo, os meus trinta e cinco annos são irrisorios de pretensão. Uma calvice despio-me a fronte, alongou desmesuradamente as **entradas** Cahiram me os dentes, montei **ao béque agúdo uns oculos gráo 02**, formidáveis! Meu Deus! Nem imaginas o que resta desse terno, sereno tippo de exilado, que tive. . . Ora. . .

Fallemos de outras cousas. Tenho uma pergunta a fazer-te e a faço claramente é porque confio na tua amizade, o teu coração m'ó perdoará, o teu espirito dar-lhe-á seu justo valor.

"O facto de ser adaptado o meu livro não presuppõe encomenda do Estado?" . . . Eu sou ignorante nestes termos. Ainda, ha tempo, o conselho de instrucção do Estado do Ri oapprovou o unanimemente mas, agora, ando ás voltas com os empenhos para que elle seja **adaptado**. Comprehendes a massada, pois se me cahisse nos hombros

3. Nova referência á dificuldade de publicar os textos de Emiliano. No entanto, apesar das queixas G.nzaga Dupue colaborará em *Kosmos* (1904-6), Os anais, além de fundar *Rio Revista* e *Galáxia Mercurio*, fará parte do grupo de *Fon-fon* (1908) colaborando também nos *Jornais Diário de Notícia* e *O País*, ambos do Rio.

4. Mauricio Jubim (1875 — 1923) como Gonzaga Duque tem sua carreira ligada às artes plásticas. Conforme Andrade Muricy "Mauricio Jubim era fundamentalmente anti acadêmico o que levou a aproximar-se de literário insurreta dos simbolistas" (*Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, 2.ª ed. Brasília, Conselho Federal de Educação Instituto Nacional do Livro, 1973. V. 2 p. 635).

Foi amigo íntimo de Nestor Victor e Cruz de Souza. Sua obra poética ainda encontra-se esparsa. Sempre é chamada atenção para sua colaboração na *Revista Rosa Cruz* que saiu no Rio de Janeiro de 1901 até 1904. Como Andrade Muricy, Brito Broca ao analisar os periódicos do início do século não faz qualquer menção à revista *Meridional* (Confira-se em "A literatura nos Jornais e revista" cap. 19 de *A vida literária no Brasil: 1900* 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960, Documentos brasileiros, 108)

Carta VIII Inédita

Capital, 11 de maio de 1899

Emiliano

Há muito que me não escreves e as saudades estão a me falar de ti a todo o momento. Reprochar-me-ás com o meu silencio em defesa do teu, mas é preciso que saibas o quanto tenho soffrido para diminuir o rigor da pena.

Lhe maguar nada direi, por vexame; temo incorrer no enfastamento dos **chavões**; mas, de padecimentos, sempre convém saberes que a minha neurasthenia caminha á folgada, desbravando resistencias hygienicas, dismantelando esta já arruinada carcaça. Agora, tenho dependurado do esophago ao leito dos elliacos um enorme sacco enrugado, repuxado, flacido, cujo fundo carréga o lastro de um peso de chumbo. Se caminho, este sacco oscilla e attráe todos os movimentos da marcha para sua exterimidade presa, que se torna a polarisação da minha dymnamica. Se estou sentado, sou obrigado a ter o busto curvado para impedir que o lastro do sacco repuxe, dolorosamente, a sua extremidade segura ao termo do esophago. Que martyrio! Dizem os médicos arabescadas cousas a respeito; uns, concluem, após descripções erudictas, que **isto** é "dilação do estomago" e para meu consolo dizem na — incipiente —. outros, mais artistas, eivados dum nephilibatismo precioso pelo symbolismo e **sous entendu** que me escapam à insciencia, mastigam prefixos gregos, terminações complicadas e decidem **muito claramente** que **isto** não passa... de uma cousa que elles proprios ignoram! Vês? Tornei-me um doente excentrico exemplar unico ou raro de uma molestia inedita. Era o que me faltava. Graças a Deus já me consola esta excentricidade! para mim que sei tanto de pathologia como tu sabes de Sans Kritó, este mal provém de sobrecargas de desespero afogados em sobrecargas de cerveja¹. Nem mais nem menos. Ponha-se-lhe mais á conta necessidade de vida, falta de **chance**, a estupidez compressora e asphixiante desta terra. Ah! temos o mal. E como fu-

1. Os poetas simbolistas manifestaram seu desprezo pela vulgaridade dos parnasianos principalmente quanto à atitude dos últimos em face da vida. Se aceitaram empregos públicos, magistratura etc. articulando-se de certo modo na sociedade, lutavam pela vida sem comprometer a condição de poeta, isto é, como tal a "torre de marfim" era a postura defendida. Jamais preocupações com coisas pequenas, sendo o despreendimento uma das características frequentes de seus comportamentos. Porém, poesia e alcool eram componentes da boemia tanto parnasiana como simbolista. Entre os simbolistas Emiliano, Gonzaga Duque, Santa Rita, Lima Campos, B. Lopes, Kilkerry, Carlos D. Fernandes, Alphonsus Guimarães formavam o grupo dos amantes do alcool, enquanto Dario Velloso, Nestor Victor Silveira Neto, Rocha Pombo, Mauricio Jubim eram abstênicos.

gir lhe? Sinto me importante e caio na mais profunda burrice **valentiana**, a ponto tal de lembrar-me dos grilhões de Prometeu... Virgem, nossa Senhora!

Ora! ... mudemos de caso

Terás estranhado, sem duvida, a não publicidade dos teus versos.² Esta demora está explicada pelo afastamento, ou melhor-exclusão em que vivo; para dal-os **em qualquer jornal** creio que m'os não confiarias. Procurei publicá-los na **Imprensa**, onde "trabalhava" o nosso amigo Virgílio Varzea;³ elle, porém, que os leu e admirou, me disse achar-se a **Imprensa** interdicta para versos!!!

Assim pois e já por me agradar mais a publicidade nas revistas litterarias, decidi impremil-os na **Meridional**⁴ que, segundo me consta, vae passar por completa reforma, tendo eu recebido convite para a sua collaboração. Essa revista não satisfaz a nenhum dos rapazes contrarios á velha litteratura, tornou-se brutal e capadocia. Se realmente, ella mudar de **aspecto** e de habitos, teremos revista, se não esperaremos pela **Vera-Cruz**⁵ que vae entrar em phase de melhoramentos.

Tinha tanta cousa a dizer-te, mas estou tão fatigado e tão mal vejo as pautas deste papel que ou deixo esta para amanhã ou pingo lhe o ponto... talvez bem desejado por ti... É sempre melhor o ponto. Se caio em continuar amanhã nunca mais acabo a carta, e acontecerá oque já me aconteceu na semana passada, não tive tempo de levar ao correio uma carta para o Julio.

Abraço aos rapazes. A canção do Dario agradou me muitissimo, achei-a linda, lindissima.

2. Nova referência à impossibilidade de publicar textos enviados por Emiliano.

3. Virgílio Várzea (1863 — 1914) chegou ao Rio em 1891, após haver publicado com seu conterrâneo Cruz e Souza **Tropos e Fantasias**. Iniciou sua carreira na **Cidade do Rio**, de José do Patrocínio, onde Emiliano era redator (ver nota 2 à carta I). São interessantes as restrições ao antigo companheiro, pois efetivamente Virgílio Várzea não só passará a conviver com os parnasianos como sua atividade em **A Imprensa** como redator implica em colaborar em periódico do grupo oponente ao simbolismo. **A Imprensa** era de propriedade de Rui Barbosa, tendo em José Veríssimo como seu secretário.

4. Ver nota 2 à carta I e nota 4 à carta III.

5. **Vera Cruz** periódico carioca que teve seu primeiro número publicado em janeiro de 1898, dirigida por Oliveira Gomes e tendo Neto Machado como secretário. Consultados os números de 1 a 6 encontramos colaboração de Dario Velloso (1869 — 1937), porém nenhum texto de Emiliano.

6. **Amor Bucólico** obra publicada por Julio Pernetta em 1898 (Curitiba, Adolfo Guimarães Ed.) Trata-se de uma coletânea de contos regionalistas que já haviam aparecido em **O Canáculo**.

Escrevo ao Julio a respeito do **Amor Bucolico**⁶ li com alegria o livro de Nestor de Castro, que prefaciaste admiravelmente.⁷

E um abraço deste teu

Duque

Não pretendes vir a esta Capital? Quando vieres resolve passar commigo um longo tempo, aqui tens casa, um pouchinho melhor do que a que era n'aquelle tempo... Lebras-te?

Capital, 11 de Maio de 1899

Emiliano

Ha muito que me não escreves e as saudades estão a me fazer de ti o todo o momento. Reprochas-me - ai com o meu silencio a minha defega do teu, mas é preciso que saibas o quanto tenho soffrido from desânimos e rigor da febre.

He magua cada dia, por vezes; temo incorrer no supercrescimento dos chorões; mas, de frivolidades, sempre convém saber que a minha neuroathemia e minha "falgada", debilitada mistenciais hygienicas, demantelada esta já amaciada carcaça. Agora, tenho dependurado do esophago as listas dos ellises e me sinto como sacco enrugado, repousado, flaccido, cujo fundo sangra o luto de uma febre. Le causinha, este sacco oscilla e at... todos os movimentos da vida. Ela fura sua extremidade para, que se torna a fisionomia

7. Prefácio de Emiliano à obra Brindes de Nestor de Castro, (1867 - 1906) publicada em Curitiba pela Imprensa Paranaense, no ano de 1899.

Carta IX Inédita

10-3-900

Emiliano

A falta de cartas, que me orientem sobre a correspondência Telegraphica do **Commercio**,¹ está me prejudicando enormemente a vontade de bem servir ao jornal. Eu posso fazer, diariamente, um resumo da Bolsa, outro dos telegrammas europeus e, ao mesmo tempo, dar noticias d'aqui. Mas, até hoje, estou indeciso, sem poder tomar uma resolução, por falta de esclarecimentos. Preciso, também, saber se ahi ha outro jornal (**da manhã**) com correspondência telegraphica, para poder escolher as minhas noticias e não cair em inuteis redundâncias.

Tenho a melhor vontade neste trabalho que muito me coadjuva tristissima, quasi miseravel existencia que levo; mas não posso deliberar por mim, mande-me sempre o **Commercio**, preciso tel-o á mão sem falta de um numero, e informa me, também, sobre o acolhimento das muitas correspondencias.

Se ellas agradarem confeccionarei um codigo para **cifrar** e por elle poderei passar extensos telegrammas em poucas palavras. A **tradução** ahi tem sido boa e tem aproveitado as abreviaturas? Vê em que estado estou. Preciso de informações urgentes.

Disse ao Dario que paguei a Associação e tenho o recibo, mas não sei para que fim mandou elle os 30\$ a mais. Não tenho recebido o **Club** e faltam-me os n.º 5 e 4 da Esphyngé.² Tenho o 6.º que me parece ser o último publicado. Perdôa me esta pressa mas vou almoçar e parto para a cidade afim de passar os telegrammas de hoje. Entende-te com o Sr. Anibal S. Rocha³ para mandarem o importe dos 20 livros ultimamente enviados, E, até breve.

Do teu de sempre

Duque

1. O jornal **O Commercio** teve seu primeiro número publicado em 3 de dezembro de 1900, Emiliano o dirigia com Francisco de Azevedo Macedo. Gonzaga Duque colaborou com uma seção, "Cartas do Rio"

2. **Club Coritibano** no ano de 1900 era dirigida por Dario Velloso tendo como redactores Emiliano Pernetta, Julio Pernetta e Romário Martins. Quanto **A esphyngé**, também dirigida por Dario Velloso, é um periódico cujos textos são em sua maioria de linha esotérica.

3. Anibal S. Rocha proprietário de casa editora.

16-111-900

Senilis

O facto de estarem, que em orientem, sobre a corre-
 pondencia telegraphica de Commercio, esta me-
 fupervendo, comumente a entrada de bom ser-
 viço ao jornal. Se fosse foy, ordinariamente, em a-
 -lunas de Bôlia, entre da telephonica europæa
 e, ao mesmo tempo, das noticias, d'agui. Mas,
 até hoje, estão inibidos, sem poder tomar uma
 resolução, por falta de esclarecimento. Puzes,
 Também, sobre se ali: he outro jornal (da manhã)
 com correspondencia telegraphica, e para poder receber
 as minhas noticias e com sobre as minhas redacções

Tanka a author ontade mit Tanka zu eerste een
coadjutor c. Hochscholman; zoon: universaal assistent in zoon
loo, 11111 een pons delibet per suum. - Han-

Carta X¹

Por delicada escolha de amizade, com que me honrou Mario Pederneiras, venho depor em tuas mãos esta elegante Plaqueette.

Tu que és dos nossos poetas, n'actualidade, um dos mais fidalgos senhores do Verso, que possues o segredo da velha métrica e todos os requintados processos do labor artistico da poetica contemporanea; tu que ahí vives na mais consoladora confabulação espiritual com esses nobres Cavaleiros do Sonho, como n'uma Tavola Redonda da Edade Media, onde se escreve o Sagramor da Intellectuallidade que ,hoje, tem o nome de Cenaculo, de Pallium de Breviario:² Irás com a alma este livrinho raro, caprichoso producto de typographia bem necessario á sua importancia de escriptorio para conter a rutilante forma de tão seductores versos.

Entre os nossos poetas modernos Mario Perdeneiras³ tem, sem duvida, logar proeminente. É um artista extraordinario, d'uma subtilidade espiritual que só pode ser bem entendida e avaliada por espirituales.

Se procurassemos para a sua obra de agora, isto é, para a sua pequena e perfeita obra publicada,⁴ uma imagem que a representasse materialmente aos olhos d'um exclusivo e sensacionalista, teriamos adequada representação n'uma nave de amethysta, topasios, roseo beryllo e prata, de uma singular ermida de monjas brancas.

Ideio-a por esta forma, É n'uma preciosa nave, em que a sumpuosidade oriental dos adornos se explica pela intensidade passional do culto, que me parece ouvir a muzica de seos versos evolada, em rhythmmo, da garganta virgem de pallidas e loiras monjas d'alvos vestidos.

Rutila a preciosidade mineral do pequenino templo. N'amethysta da cupola, em concavo zimbrial, o sol faísca, coando claridade serena de scenarios magicos, mas logo esbatida na rendilhada prata

1. Publicada sob o título "Agonia" em *Club Coritibano* número 11, páginas 161 a 163, em novembro de 1900.

O noticiário (p. 173) traz uma advertência de que este texto é uma transcrição do *Comércio*.

2. Revistas simbolistas publicadas em Curitiba: *O Cenáculo* (1895-7) foi dirigida por Dario Velloso, Silveira Neto, Julio Pernetta e Antonio Braga, sendo uma revista resultante de um grupo. *Pallium* (1898-1900) teve como diretor Julio Pernetta e Silveira Neto. *Breviário* saiu em 1900, com apenas dois números, sob a direção de Romário Martins e Alfredo Carvalho.

3. Mario Perdeneiras (1868-1913) formou com Gonzaga Duque e Lima Campos "uma triade à parte, cordial" em relação aos grupos simbolistas posteriores à morte de Cruz e Souza.

4. Trata-se da obra *Agonia* publicada no Rio de Janeiro, em 1900, pela tipografia Aldina. Realmente é uma obra "pequena", pois tem apenas 31 páginas.

dos capiteis de feixes gothicos, na brancura nevoenta do soalho marmoreo, estendido para os roseos pés de Anjos. São de beryllo os feixes columnados e nos florões do friso brilham ardentes soes de topazio, inflammados astros de rubis. . .

Isso, quanto ao lavor da sua obra, ao engaste de palavras e rimas, porque ella é avivada pela Espiritualidade, communicativa e suggestiva á força de sua Alma.

O poeta evocou o typo de Job e atravez da sua psychose, faz desdobrar-se trez phases da Luz.

Apoz a insomnia de noite tormentosa, longa de angustias para o seo desalentado espirito, vem a luz-tonica da manhan, no seo esplendor de sol nascente. E brilha o seo verso:

Horas primeiras, morbidas, brumaceas,
Fôfas, do fofa placido d'arminhos. . .
O fatigado soffredor desce a estrada:
E Job pausado pelos Campos desce
Solemnemente lento, acarinhado
Das alegrias mátiuaes da Prece.

O poeta descreve-nos a remocada belleza das Cousas, do modo o mais brilhante, sem um só velho sedico recurso descriptivo ou a imperfeição d'um verso. Depois, a luz vae subindo. Dardeja o Sol, fecundando a Terra, fazendo penetrar no intimo das entranhas d'ella o semen creador do seo poder:

Claro, sem nevoas pardas de mormaço.
Nem sombras para abrigos. . .
Tonificando em polimentos de aço
A luminosa gestação dos Trigos.

E o velho biblico que quer a calma, que espera o linitivo ao soffrer continuo, sente na luz, que lhe escalda as chagas, o beijo igneo do Demonio. A forte impressão solar fere suas pupillas os raios luminosos mordem-lhe as ulceras. Toda a sua retina se enche desse clarão que lhe parece o da propria carne corroida e putrida:

Os olhos pasmos pelos Ceos esbate. . .
A cambiante dessas luzes flavas
Grita outomnal e vivido escarlata
No próprio esboço carmezim das Chagas.

Por toda a parte a fatídica impressão do mal!
Baixa o sereno Olhar, sereno e langue
Sobre a pôlpa sanguínea d'uma perna
Sobe -a depois e o sol fervilha e inferna
Sulferinado em coalhos do seo sangue.

A potencia da Luz parvo se humilha . . .
Os olhos baixa desse ceo d'asfalto . . .
Volve os a Chaga . . . E la quente fervilha
O luminoso Sol que vae lá alto . . .

Leva-os alem, sobre planuras razas
Que o louro fresco dos Trigaes rescendem
E la, quentes e rapidos accendem,
Bailarinando uma Papoula de azas.

Pousa-os além . . . alem sobre os lavados
Campos que á luz fecundadora estufam
Lá sobre o glauco em Paz d'altos gramados
Azas em fogo ruflam . . .

É o desespero sem esperança.

A ulcera que lhe roe as carnes, está dentro delle, tambem, a lhe
consumir a Fé. Turba-se-lhe a razão e a dôr e o canção e o desalento
arrancam-lhe do turvado himno a imprecação tremenda:

Fonte do meo canção canção
Da minha extranha e morbida Agonia
Pões na gloria aromal d'um Meio-dia
Purpuras quentes laminadas de aço!

Arde-me o corpo nessa hora ingrata
E parece que a Terra tambem arde!

Mas, de repente, ao rolar desse ardente globo que incendeia
a Terra, elle se recorda do seo viver d'outrora, dos seos thesou-
ros . . . A idea de Deos volve á sua razão allucinada, lembra-se que
a luz é a força, é a vida. fonte de Amor e fonte de Alegria e roja-se
em pensamento, entoando o psalmo do perdão:

O meo Pavor esquece
Erga-se a Ti minh'Alma em Holocausto,
Fecunde a magoa o lyrio d'uma Prece.

Toda esta parte do **Clamor** é belíssima, arrancada da caverna d'um peito dolorido d'uma alma crente.

São, pois, trez phases de luz, sentidas por Job que o poeta nos offerece n'uma riqueza inexcédível de rimas e phrases, trez estados d'alma transmittidos ao leitor por um modo emocionantemente novo em que a maior preocupação é da arte, na sua intensidade suggestionadora. E portanto encontrarás nisso a razão da imagem comparativa da nave.

O seo verso reluz como o topazio, fulge como o rubi, nas côres correspondentes a cada efeito illuminativo; tem os toques claros e brandos do marmore branco e o rutilo faiscar da prata... Mas, o tom geral, a tonalidade harmonisadora é o roxo pallido, que, allumiado, faz escorrer d'alto a sua força equilibradora.

Não tenho a pretensão de descortinar ao teo espirito as bellezas deste poema. Se de nós dous, alguém precisasse de quem o aclarasse e guiasse na justa interpretação d'uma obra de arte; esse seria eu, mas positiva e exclusivamente — eu.

Relato como posso, e muito ao correr da penna, o que senti lendo os formosissimos versos deste artista da Emoção e da Côr, por suppôr que, retendo a tua attenção nestas linhas, mais perto de mim teria o teo grande e illuminado Espirito.

Ahi tens a plaquette. Agora é que ella vae ter interprete digno do seo valor, porque ainda penso com o estafado aphorismo: poetas por poetas sejam lidos.

E com ponto final um aperto de mão leal do

Gonzaga Duque

Setembro de 1900

Carta XI Inédita

2 de Janeiro de 1901

Emiliano

Salve!

Nesta manhã de hoje, clara e ardente, quando abri os jornaes para o meu irritante trabalho de resumir telegramas em meia duzia de palavras, o estafeta entregou-me à porta, um despacho do Macedo, noticiando a suspensão do **Commercio**¹

Fiquei no ar! Era essa pequenina quantia mensal, do **Commercio**, que me equilibrava a vida entre a miseria e o credito. Não quero pesar no teu espirito com jeremiadas da Sorte. Creio que muito tens, tambem, para te apoquentares, mas acredita, o meu viver é horrivel. Fujo de t'ó descrever, tanto por uma questão de amor-proprio quanto de respeito à tua tranquilidade que não deve ser das mais invejaveis. Assim, si se reorganisar o **Commercio**, e a tua influencia fôr a mesma, procura arranjar-me as correspondencias. Ah! que de vezes deixei de mandar as **Cartas do Rio** por causa do porte postal!...

Segue, sob os cuidados do commandante do **Itaipava**, um volume com o livro do centenario pertencente ao Club,² tres folhetos, um dos quaes é teu. É uma biographia a secco, quasi ao correr da penna, que a gratidão me fez escrever.³

Mando-t'a por um dever de amizade. A noticia d'um **trabalho** meu e a ausencia da offerta d'exemplar dexais-te-ão suspeitosos da minha fidelidade. Esse volume vai subscrito do Dario e delle, portanto, receberás o folheto que te é destinado.

Rogo-te entregares o bilhete junto ao Silveira Necto,⁴ cuja residencia ignoro.

1. Ver nota 1 à carta IX
2. O **Livro do Centenário** certamente é um número especial da revista **Club Coritibano** dedicado ao "Paraná no 4.º Centenário do Descobrimento do Brasil", publicado a 3 de maio de 1900.
3. A biografia a que se refere é o folheto **Marechal Niemeyer** sem data de publicação.
4. Manuel Azevedo da Silveira Neto (1872-1942) pertenceu ao grupo do **O Cenáculo** juntamente com Dario Velloso, Julio Pernetta e Antonio Braga. Em 1896 esteve no Rio onde conheceu Nestor Victor, que o aproximou de Gonzaga Duque e de outros simbolistas.

E, por hoje, recebe com os meus votos por tua felicidade, um abraço do teu

velho

Duque

1.º de Janeiro de 1901.

Emiliano
Salut!

Nesta manhã de hoje, clara e ardente,
quando abri o jornal para o meu irritante
trabalho de resumir telegrammas, eis-me
deixado de palavras, o editor entrega-me,
à porta, um despacho do Alcaide, notifi-
cando a suspensão do Comércio.

Fiquei no ar! Era uma pequena quan-
tia mensal, do Comércio, que me equilibra-
va a vida entre a miséria e o crédito. Não
quero pensar no teu espírito como permeado
de sorte. Ligo que meint' tuas, também,
para te apoguntares, mas, acredita, o meu
pêso é' horrível. Dopo de 7'0 de curren,
tanto por uma questão de amor-próprio

Carta XII¹

2-V-901

Emiliano

Tua carta... ahl que alegria me déste, suave preguiçoso!... a tua carta veio ao encontro destas linhas, que eu demorei por motivo inesperado e doloroso, um caso desastroso em que foi protagonista meu filho mais velho.

Apezar das complicações que elle acarretou, estou mais tranquillo e posso, hoje, escrever desembaraçadamente, sem apreensões, se Deus me não desamparar.

Fui eu que comuniquei ao Dario a **injustiça** do Figueiredo.² **Injustiça** por erro, por ignorância, mas não por proposito. Assim que li o artigo do **Mercur** corri á casa do Figueiredo e fiz lhe sentir a falta, enorme e desagradavel, em que cahira. Elle explicou me a **cnhada**³. Não tinha acompanhado a tua evolução espiritual, apenas te conhecera por esparsas e poucas produções antigas; ultimamente, porém, **percebia-te** em plena posse artística, sem que te lêsse amiudamente. O erro proveio disso. Demais, acompanhando muito de perto o nosso nobre Dario, julgou o influenciador de todo o movimento

1. Ver nota 1 à carta VII

2. Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) apesar de haver publicado obras de menor importância foi sobretudo um jornalista. Sua coluna "O Binóculo" na *Gazeta de Notícias* foi consultório mundano, daí ter sido considerado "árbitro das elegâncias". A referência da carta liga-se ao período, em que Figueiredo Pimentel mantinha uma seção "Lettre Bresiliennes" no *Mercur de France*. Como colaborador estrangeiro do periódico francês conforme Brito Broca, que ao citar carta de Rémy Goncourt, esclarece sobre a participação de Figueiredo Pimentel no *Mercur* decorrente da dispensa de Xavier de Carvalho. Parece que desde logo Pimentel se impôs como excelente colaborador.

Sua substituição se dará apenas em 1908, quando as "Lettres Bresiliennes" passam para a responsabilidade de Tristão de Cunha. Para completar a questão do papel assumido pelo *Mercur de France* na divulgação da literatura brasileira é fundamental a leitura do estudo de Jean Michel Massa "La correspondance luso-brésilienne de Philéas Lebergue (*Nouvelles Études Luso-Brésilienne*, Rennes, Université de Haute Bretagne (11): 41-51, 1.º tr. 1973).

Philéas Lebergue foi correspondente de Figueiredo Pimentel, segundo Andrade Muricy, porém Jean Michel Massa destaca sua correspondência com José Severiano de Rezende (que substituirá Tristão de Cunha) e, entre outros com Dario Velloso.

A referência à amizade íntima de Figueiredo Pimentel com Emiliano parece imprópria, pois através desta carta percebe-se que Dario Velloso era realmente seu correspondente. A revista Club Coritibano não só publicará textos de Lebergue, como um estudo sob o título "Philéas Lebergue" de Figueiredo Pimentel (número 10, outubro 1900). Ainda assim em 1911 Figueiredo Pimentel publicará na seção *Binóculo* um elogio a Ilusão.

3. A questão colocada por Figueiredo Pimentel liga-se ao esclarecimento do poeta que mais influenciou o movimento paranaense. Apesar de Emiliano haver chegado em Curitiba em 1898, quando o grupo *O Cenáculo* já estava formado, Dario Vellozo parece ter escrito a Figueiredo Pimentel declinando de seu papel de líder.

do actual Paraná litterario. Erro de julgamento, erro de Critica, como vês.

Conversei, paciente e demorado, com o Figueiredo; expliquei lhe toda a fulgurante ascensão do teu grande Espirito, desde a harmonia das **Musicas**,⁴ que lhe eram desconhecidas, até a tentativa iniciadora do **Decadentismo** á maneira de Moreas, que juntos lemos, até a tua volta á Curitiba donde nos tem chegado a reverberação da força luminosa, gravitante, surpreendente do cerebro do poeta do **Lied**⁵ Figueiredo pasmou, admirado. Não te conhecia bem.

Decidimos, pois, um artigo sobre o actual movimento artistico do Paraná no **Mercur**, em que eu collaborarei como informante. Preciso dizer-te que o Figueiredo, de hoje, não é o de hontem. Agora temol-o como um penitente na Comunidade da Alta Espiritualidade. Depcis das cabeçadas por tentativas esta estapafurdias em as quaes não se lhe póde negar talento... inutilmente despendido, entrou, ou parece ter entrado em bom caminho. Qualidades d'espírito elle as possui largamente, mas não as tem sabido aproveitar. Á isso reúne um bello coração, uma affectividade raras, uma dedicação incondicional, e a mais util, a mais mobilitante actividade com o levar o nosso nome ao estrangeiro. O que elle está fazendo no **Mercur** é inistimavel. Ha 15 annos que o conheço e o acompanho com a attenção, a descrição de que me supponho possuidor; sei o que elle foi e porque assim foi; sei o que é, o que vale, o que ambiciona e quaes as causas que o alentam, quaes as forças proprias cu adventicias que o impulsionam.

É muito difficil amal-o porque é muito difficil penetrar no seu intimo, surprehende-lo totalmente. Esse **courrier voyageur**, como o disséste, o fci visto ora, esse atribulado fundador de revistas ephemeras,⁵ escriptor de livros para Crianças, (como eu fui de livro para matronas burguezas) e de romances tiro e quédia; esse preocupado com o **to make money** na fancaria da penna, é, em essencia, é por sua doce alma de donzel, por sua organização perturbada, u martista perdido, um dolente e compassivo ser sem ambiente, rebellado sem azar em querer vibrar trama satanica de nervos arranhada pela unha rapinosa da Desventura.

Não Emiliano, não houve senão **erro** do Figueiredo. Eu senti, senti muito que elle te não dêsse o logar que mereces, que te não

4. Obra Publicada por Emiliano em 1888 (São Paulo, Tip. King)

5. O parágrafo. Conversei... até a palavra Lied é citado por Andrade Muricy em **Emiliano Pernetta** (Rio de Janeiro, América Latina, 1919 p. 113) entre algumas opiniões sobre Emiliano.

Figueiredo Pimentel fundou o primeiro Jornal republicano de Niterói **O Povo**. Sobre revistas efêmeras dirigidas por ele não encontramos referências.

tratasse com o respeitoso carinho a que tens direito, primeiro entre todos.

Mas, isso, ha de ser reparado ao **Mercure**. Dario escreveu-me a respeito uma carta que recebi no mesmo dia do recebimento da tua.

Dario confirma, com a nobreza de sua alma, com a fidalga superioridade de seu espirito, tudo quanto me dissêste. E, nem era necessario issol Aqui eu vou o guarda á porta d'ouro da tua espiritualidade, quem n'a adorar terá de descalçar as sandalias maculadas de pó das vulgaridades, como os que entram no templo de Brahma.

Falo-me nas **duas palavras**, em fachada á **Allegoria**.⁶ Se te con- vem eu, de bom grado, aceito a honra, para mim a maior na vida.

Espero anciosamente pelo **Ether**, de que me disseste algo há já longo tempo. A esse, que me prometteste dedicado, te responderei com **Sangra-vida** ⁷ já bastante adiantado. Bem comprehendes que a resposta, nesse caso, será em agradecimento, mas nunca na preten- ciosa intenção de paridade...

Escrevi, vae para um mez, aos proprietários da Livraria Econo- mica propondo- lhes a compra dos direitos de edição das **Revoluções Brasileiras**.⁸ Ainda não recebi respostas.

Temo, concludo, que elles suspeitem do meu offercimento, porque aqui ha editores para taes livros. Sem duvida que os ha, e em abundancia, como córvos. Mas é, precisamente, da voracidade destes abutres que me quiz esquivar. Um livro que me custou terrível emprestimo e com o qual posso ganhar alguma cousa, deve estar á salvo do bico das rapinas. Se puderes tocar lhes neste assumpto presta me-has enorme favor.

Espero carta do Macedo, ⁹, a quem escrevi há tempo. Dizes me que elle me mandará **boas novas**... Sim Deus te escute!... Porque aqui vivo como os israelitas escravos, a espera do nascente libertador.

Quanto ao retrato, vou trabalhar para conseguir uma prova com o photographo que servio á revista **Brazil-Portugal**.¹⁰ Foi essa revista quem mandou fazer o que reproduziu em um de seus números, e nunca mais voltei ao **atelier** do photographo. Apenas recebi duas

6. A obra **Allegoria** foi publicada em 1903 (sem editora e local) dedicada a Gonzaga Duque Emiliano definira esta obra com sua teoria poética: "É uma explicação pessoal este livro mas, como verás..." (Erasmio Pilotto p. 179).

7. Obra inédita ou esparaa.

8. Ver nota 2 à Carta III

9. Francisco de Azevedo Macedo, (Ver nota 1 à carta IX)

10. Periódico não incluído entre as revistas que interessam ao estudo do simbolismo brasileiro, na listagem elaborada por Andrade Muricy (**Panorama do movimento simbolista brasileiro**, Brasília,) (INL, 1973 v. 2 p. 12-13)

photographias em separado, que me foram **apanhadas** por companheiros. Eis porque te não mandei uma. Por aqui me tem retratado em algumas revistas, mas em cada qual tenho sido victima da fantasia dos gravadores. Se arranjar o retrato seguirá com esta, senão... quando o Intendencia pagar correrei a um retratista que me prepare a careta capaz da galeria da Posteridade.

Adeus, meu incomparavel Estheta, revive nestas linhas a iriada volubilidade das nossas antigas e sempre lembradas palestras e aceita n'ellas o coração do teu

sempre e sempre

Duque

Rua Senador Vergueiro 65 — sexta casa

Botafogo.

2-V-901

Emiliano

Uma carta..... ah! que alegria me deste, meus pruridos!..... a tua carta veio ao encontro d'estas linhas, que eu demorei por motivo inequívoco e doloroso, sem cessar de lembrar-me em que fui protagonista, meu filho mais velho.

Esquece dos complicações que elle acarreton, estou mais tranquiillo e posso, hoje, escrever desemboçadamente, sem apprehensões, se Deus me não desamparar.

Fui eu que comuniquei ao Dario a injustiça de Figueiredo. Injustiça por eu, por ignorancia, mas não por proposito. Assim que li o artigo do Mesemo com a casa de Figueiredo a fig the reuter a fact, enorme e desengonçado, sem que achava. Elle explora uma e

Sem data — fragmento:

Carta XIII Inédita¹

. . . . Agora, para que o assumpto se não limite a lamurias, falemos doutras coisas mais interessante, sem dúvida.

Leram vocês o **Hora?**² Eu ainda não o li, e isto porque o Nestor é um engorgitado de desconfianças.

Deve ser isto. Também póde ser coisa que a minha perspicacia não alcança.

Foi o caso que elle me dedicou um exemplar, mas, para fazello cegar às minhas mãos, o deixou em loja da rua d'Ouvidor segundo avisou a camarada meu que, raramente, me procura. Ora, eu, que não frequento á rua d'Ouvidor e vivo n'um inferno de atribuições de chefe de casa. (porque tenho o encargo de duas familias com os recursos de 2.º official da Prefeitura Municipal!) não julguei, nem mesmo me passou pela mente, que a demora em o ir buscar pudesse inculcar menor preço ou indifferença, de mais recebendo, como realmente recebi, o **aviso** retardado. Pois bem; quando me lembrei de o procurar já lá não estava o livro, Nestor, na véspera, retirá-ra-o — disse me o caixeiro da loja, e acrescentou: porque lhe parecera que eu não tinha desejo de o ler.

Fiquei, por tanto, privado dessa leitura, e o caso se aggravou no amor-proprio do auctor, pela circumstancia de lhe não ter eu pedido escusas ou de lhe não explicar a involuntaria desatenção. Não lhe quero mal por isso. Reconheço que, até certo ponto, elle tem razão de se magoar. Houve, com tudo, má comprehensão da parte delle, porque lhe não é estranha a minha ausencia na rua d'Ouvidor, e quem deseja presentear alguém faz o presente chegar às suas mãos por meios seguros. Lamento o caso.

Li, no emtanto, uma critica publicada por Paulo Barreto — n' **O Paiz**,³ em que lhe foram tecidos elogios. Se são merecidos ou não, nada poderei dizer; mas, n'um ponto concordei com o Paulo — foi na falha artistica de Nestor. Em verdade, e diante da obra que conheço delle, Nestor não é um artista, quero dizer: um artista productor, melhor se o dirá — um mental do seu tempo.

1. Trata-se de fragmento provavelmente escrito em princípios de 1901.

2. **A Hora** foi publicado por Nestor Victor em 1901 pela Garnier.

3. Paulo Barreto, mais conhecido por João do Rio (1880-1921). Quanto ao jornal **O Paiz**, segundo Brito Broca, criou uma columna literária além de ter recebido importante colaboração de autores portugueses João do Rio pertenceu á sua redacção, bem como aos jornais **Cidade do Rio**, **Gazeta de Notícias**, **Rio Jornal**, **A Pátria**.

O amor da Forma, o trabalho paciente e atormentado, mas possuidor e fascinante, da originalidade, elle não o tem. A sua natureza é omissa neste particular, o mais documentativo da afinação d'um artista. Seria ou será um bom crítico de idéas, mas, para occultar a jaça do seu estheticismo, ha de se contradizer muitas vezes, e se perturbar com o joio na recolta do grão valioso.

Assim não pensam vocês?

Tenho vontade de lêr a **Hora**, pois, pelo titulo, me parece que ella se referirá a este grande movimento artistico da nossa época, que se vae acentuando dia á dia. E, a este propósito confesso-lhes que estou tendendo muito para Sir John Ruskin, cujas theorias sobre o **Naturismo** são bellissimos e se me afiguram justas. O homem ainda não sonhar olhar a Natureza. É em torno d'elle que está o Mystério, é na sua propria Alma, na interpretação da vida ignorada dos extaticos, n'affinidade equilibradora de todos as Cousas e de todos os Seres. Sim, é ahí que está este Mystério, pelo qual tanto anciamos. Que força fará suave, nostalgico, dolente, o olhar d'um irracional ao contemplar a lua? Porque a fecundação da Terra, á hora da sésa, quando os raios solares penetram nos seus recessos como a ejacular se n'um utero fertil, se communica ao homem e lhe provoca o erithismo sexual? Que poder suggestivo no perfume de flores que nunca virámos ou que saudades de bens jamais fruidos — quando nos coche(s) em campo, um crepusculo lilaz?... Não está ahí um mundo novo para a Emoção, que é a Arte?

Existirá coisa mais estranhamente bella que esse conjuncto pressentido, mas indeterminado, indefinido, de **circunstancias fataes** que formam a **existencia** humana?

Quem já disse das attracções sympathicas que reúnem dois seres, vindos de extremos como empellidos por um mesmo pensamento?... E o symbolo? "Le symbole c'est l'expression dernière où s'unissent toutes les formes humaines émmes d'um même sentiment on tonchées d'um même coup; c'est la éducation implacable de la vie, deductlon extra-humaine etréelle á la fois de toutes les réalités dont elle sort..." Escreveu Bricon a proposito da obra de Puvis *4. E eu estou de accordo.

Rirão vocês desta tirada. Bemditos sejam! Só por vocês me sinto outro, a alma se me remoça e é dos moços a estouvige.

Mas, sério como um conselheiro de sobrecasaca e **cartóla**, assim é que entendo o symbolo. Aqui, nesta Sebastianópolis, está em moda

4. Sobre Puvis, Gonzaga Duque escreveu um ensaio "As mulheres de Puvis" incluído na obra **Graves e Frivolos** (Lisboa, (A M Teixeira, 1910 p. 15-27).

um symbolismo que me irrita os nervos. Uns senhoresinhos muito bem barbeados, muito burgues nas sua roupinhas ouvidoreanas , a chupar cigarros e farejar mulheres, veem coisas na lua e rompem, armados em cavalleiros, pelo mundo em fora pelos espaços alem. E, depois de muito correr, os desatinados estacam para nos confessar que não podem chegar á lua!

Todos cantam pela mesma cartilha, uns com guélos de gados outros com vozes de pintainhos, mas todos na mesma letra.

Então, na prosa!... Nem lhe toquemos.

O que por aqui se apresenta como **prosa symbolista**. Se não é tolice, á maneira da litteratura de meninas que sabem linguas, é uma bandurra de scns alguns tanto agradaveis, mas sem eco duradouro, sem pontes de harmonia, sem valor de arte por nenhuma intencionalidade: coisas vazias, balões de **children's Kermesses** mais ou menos coloridos.

Não ha muito tempo li na **Vogue**) um conto de Ugo Oiettl que era um primor de symbolismo. Com um monho, uma pouca ide paisagem e um bom rustico chamado Guilherme, o auctor fazia a mais terna e commovente synthese d'ambição humana. Partia da realidade ás abstrações do Sonho, por onde errara, até extinguir se, a alma convidada a deslumbrada de um pobre moço que parte para a Morte julgando partir para o seu ideal, a vida sumptuosa de **Lá Baixo**.... que seus olhos agues almejavam nas nevoas d'horizonte, lá-baixo, onde devia ficar....

Que ficaria lá-baixo?.... A cidade talvez, a riqueza.... a gloria!...

Talvez esse povo que ali passava por seu moinho, uma vez por quando: mulheres nunca dantes vistas, cheirosas como flores, bonitas e rutilas como as fadas dos contos..... homens que diziam, sem dúvida, bellas coisas na mesma lingua que a sua, porém tão novos de effeitos que até parecia cantol!... Que ficaria lá-baixo?....

Que era esse infinito deante de seus olhos doído de tanta luz? esse Nada tão brilhante e tão vasto?! E um dia, elle senhora que partia para lá e.... partio. Partio para o Nada. Desfez se em **nada**, como era nada a sua ambição e em nada se reduz o ideal de um pobre ser....

É lindo este conto, A intenção symbolica é feita, como n'aquelle celebre soneto do grande Mallarmé — o cysne captivo — d'uma idéa generica, em que collaboram **circunstancias** applicativas e a completam suggestivos detalhes exteriores. É uma arte sabia! Sem duvida. Wag-

ner, musicalmente, é um sabio. Beethoven tambem o foi. E que é Gustave Kahn, o prosador dos **Contos de l'Or** du Silence?

Um erudito como foram, na pintura, Puvis de Chavannes e Buru-Jones. E isto foi o que faltou ao dolente, agoniado Cruz e Souza, passa ser um grande artista no Verso.

Não concordam?

Mas, onde vou eu? . . . Vim inatar saudades e saio-me mais pernóstico que o Nilo Peçanha! Meia-noite. Nada!

Agora sigo o velho ditado inglez **Early to bed, Early to rise**. . . . vou-me para os lençóis. . . e com uma dôr de cabeça formidável! . . Talvez seja a consciencia que me esteja pesando. Eu nunca seria um criminoso reincidente, o remorso me aniquilaria da primeira vez.

Boa noite, amigos. Que o Anjo da Guarda os livre dos pesadellos, depois desta **estopada** do

G. Duque

-cinto e deusculpa. Agora, para que
o assumpto se não limite a lamurias,
falemos doutros coisas mais interessan-
-tes; em desido.

Leuam'vós a Storn? Ou ainda
não a li, e isto porque o Nestor
é um engorgitado de ... descongrancas.
Deve ser isto. Também pôde ser co-
-za que a minha purificação não al-
-cança.

Foi o caso que elle me deu um
exemplar, mas, para pôzê-lo chegar
às minhas mãos, o deixou em loja
da rua de' Ouridor, segundo avisou
a camarada meu que, raramente,
me procura. Ora eu, que não pre-
-quinto a' rua d' Ouridor e vivo n'uma
^(destruição)
infinita de chefe de casa - (porque tem
uma o cargo de duas familias com
o recurso de 3.^o offal do Profectura
Municipal!) não julguei, nem mesmo
me passou pela mente, que a desiova
em o ir buscar podesse circular nem
preço ou indiferença, de mais - rec-
-hendo, como realmente recel', o verso re-
-tardado. Pois bem; quando me lembrei
de o procurar já lá não estava o livro,
Nestor, na altura, retirára-o - disse-me
o caixeiro da loja, e acrescentou: por-
que lhe parecera que eu não tinha direito de
o ler.

Fiquei, por tanto, privado dessa liti-
-za, e o caso se aggravou no amor-

Carta XIV Inédita

Emiliano

Rio

29-VIII-901

Eu bem sei que isto não é papel de carta... pior é **o que** tenho feito contigo! Não me recremines por tão pouco, relativamente à impropriedade do papel; não te enfades com a demora da minha resposta ao divino consolo de tua carta. Tanta coisa me tem sucedido!...

Falemos, porém, de ti. Isso, sim. Falemos de tua carta de julho passado, que eu recebi como te receberia, a ti, entre abraços e beijos, n'um jubilo incontável. E que bem ella me fez! Veio transbordante de tua meiguice, disse-me tão ardentemente coisas tão bellas que eu me fiz louco d'alegria, andei a relêr tuas phrases, a murmurar-las, a esquadriñar suas entrelinhas com o alvoroço, o estonteamento, a alacridade d'um enamorado feliz. Contas me um projecto de Revista¹, largamente ideado, como tudo quanto sonhas. Bravo, bravíssimo!

Faze essa obra. Eu, também, quero ser um dos humildes serviçaes desta construção. Aqui me tens, estou prompto ao mestre. Com os "rapazes do barro", como os serventes dos materiaes, eu sahirei a juntar as pedras necessarias, a bater e preparar a argamassa que pedires. Porei de lado, sacudirei de mim esta moxilla de tédio que me curva e esfalfa; irei por trilhos, já desmemoriados, partirei por estradas, já perdidas, a accumular o marmore preciso e o granito resistente com que erguerás para o Azul a pompa dessa Columna triumphal. E trarei a prosa dos bons prosadores, o verso dos magníficos poetas, a crítica dos verdadeiros criticos, para que consigas, pelo que de mim depende, a sumptuosidade desse **marco**... obelisco d'uma Civilização, columna Vaudome d'um Culto no vasto deserto da Arte em terras brasileiras. Sonhas? Ó! teus sonhos são feericos. És um encantador, que fazes sonhar os mais amargos e empedernidos. Eu que o diga! Ainda hoje sonho com esse promettido, esse raro **Ether**, que me dedicarias. Quem me déra que me fosse possível reunir à minha positividade o encanto suggestivo dos teus sonhos!...

Eu te prometti um livro que fosse um **tormento**, o terrível tormento do existir, o conflicto do Ideal com a Realidade, do Bem com

1. Provavelmente refere-se a *Victrix* que Emiliano fundou em 1903. No ano de 1901, em Curitiba, appareceu por sua vez, a revista *Galáxia*, porém a fundação deste periódico ligase a outros autores além de Emiliano.

o Mal. Tenho-o bem adiantado. É **Sangra-vida**², em que trabalho com amor, em que ponho todos os meus nervos, toda a minha alma. Creio que o não terminarei n'este anno, mas não o abandono. Um dia ahi o terás. E tu? Tu me prometteste o sempre desejado **Ether**. . . e já não falas dele! . . .

Oh! mas eu te forçarei a lembral-o porque ahi irei brevemente. Então conversaremos muito, muitissimo. Nem imaginas o que te tenho a contar! . . . Apenas soffra eu a operação da catarata (espero fazel-a até meiado de Setembro) tratarei de me preparar para estar em Coritiba nas primeiras semanas de Outubro. Que felicidade, Emilianio! A este respeito o Dario me escreveu, notificando que só me devia preocupar com a viagem por mar. Bem, assim me apressarei: mas preciso de serios cuidados de que me não posso desfazer rapidamente.

E, então, os meus amigos pretendem me dessecar? Virgem Santa! Vai ser uma **raspagem**. Isto, por aqui, só tem velho osso, menos duro aos dentes da ironia que às laminas da critica. Dessistam, em tempo, desse feio intento. E a proposito . . . (nem sei a que proposito!) ja lêste os **Poemas da Morte**?³ Incontestavelmente é um bello livro. O Emilio é um submettido às exigências classicas da Metrica, mas trabalha nitidamente o verso, brume-o com um amor extraordinario. No entanto, estes bellissimos **Poemas** foram menos elogiados que as **Horas Mortas** do Guimarães Passos!⁴. . . Por isto pode avaliar da miseria em que nos arrastamos. O Bilac⁵ affirmou n'uma chronica, em duas chronicas, que o livro do Guimarães era um **acontecimento artístico**, sobre o Emilio nem uma palavra. Apenas um snr. X teve a coragem de combater o apregoado merito do Guimarães, foi n'um folhetim da **Tribuna**⁶, que não li. Mas, em tôda a linhas formalistica, queimaram gyrandolas em homenagem ao **polainas brancas** — vulgo Guimarães Passos.

2. Obra inédita.

3. **Poemas da morte** foi publicada Emilio de Meneses em 1901. Emilio de Meneses (1866-1918) começou sua carreira com textos parnasianos, de um parnasianismo até exagerado, segundo Bilac, porém alguns de seus poemas revelam certos aspectos simbolistas. Mantive amizades em ambas as correntes tendo no Paraná, publicado em periódicos com programa simbolista. Seu espírito satírico e comportamento considerado por muitos como escandaloso explicam a alusão feita a seguir à perversidade de Emilio.
4. Selestino Guimarães dos Passos (1867-1909) participou da vida boêmia ao lado de Bilac com quem escreveu um **Tratado de Versificação** (Rio, 1905), porém não ocupa lugar expressivo entre os parnasianismos.
5. Olavo Bilac (1865-1918) ao lado de Machado de Assis e João do Rio, lidera a crônica de 1900. Naturalmente seus comentários prendem-se à defesa de postulados parnasianos.
6. Segundo Brito Broca (obra citada): "Na Tribuna aparecia o nome de Gastão Bousquet: então muito conhecido como cronista e teatrólogo, figura viva na memória dos contemporâneos, embora não houvesse deixado qualquer obra. E pela redação era visto o poeta Luís Pistarini, também hoje quase esquecido (p. 215)

Infelizmente, o que nos falta é união, como já tivemos (apezar de todos os desvarios) no tempo em que aqui estiveste. Somos, hoje, uns dismantelados formando pequeninas facções, todas impotentes para a afirmação d'uma época. Eu mesmo, que assim te falo, sou um **urso** de tóca, agarrado a dois fieis amigos, o Lima Campos (que é hoje **completamente** diverso do que conheceste) e o Mario Pederneiras, a quem mui vagamente, supponho, conhecer. Com os demais é rara a oportunidade d'uma **rapida palestra**. Os jornais estão invadidos pela moirama... Injustiça que faço aos bravos mouros!... Direi — pelos **botocudos**. São os beijos furados que sopram o boné da fama na imprensa. E, por entre as gambias sujas do gentio, se entrometem uns tantos que nós conhecemos os ruins e que tu desconheces super-safados. Não admira, pois, a injustiça feita ao **perverso** Emilio. Digo — injustiça, talvez sem precisão. Foi a recompensa que elle obteve de sua convivencia com os sacripantas. Também della abiscoutou o seu quinhão o Nestor, com a **Hora**, ultimamente publicado... Mas... mas... em outubro nós conversaremos, meu queridíssimo. Emiliano. Para te dizer o que por aqui rola e passa nem duas resmas de papel chegariam! Abraça por mim o Macedo, estreita em teu coração, como se fosse no meu, o teu Julio e vê neste prezaroso final toda a alma do teu

Duque

7. Sobre **A Hora** ver nota 2 à carta XVIII. A respeito de **A Hora** Andrade Muricy tece o seguinte comentário: "Em 1901 lançou a **Hora**, obra com que se iniciou no Brasil, fecundo esforço pela renovação de alta cultura literária, e que, revelando Ibsen e Borrés", (obra citada p. 325)

(Nota à margem da 1.ª folha)

Dize ao Dario que lhe escreverei pelo próximo vapor, hoje lhe envio os 2 n.ºs da Rosa Cruz que me pediu. Quanto ao que queres do Roberto informa-me a respeito, elle é um artista capaz de lembrar Holleim e reproduzir F. Rops, temo talento com um Diabo!

G.D.

31-VIII-901

Rio

Emiliana

29-VIII-901

digas ao Dario que lhe escreverei pelo próximo vapor, hoje lhe envio os 2 n.ºs da Rosa Cruz que me pediu. Quanto ao que queres do Roberto informa-me a respeito, elle é um artista capaz de lembrar Holleim e reproduzir F. Rops, temo talento com um Diabo!

S.P.

Eu bem sei que isto não é pa-
pel de carta..... pior é o que tenho feito contigo!...
Não me recrimines por tão pouco, relativamente
à imprópriedade do papel; não te enfades com
a demora da minha resposta ao divino consolo
de tua carta. Tanto coisa me tem sucedido!...

Talvez, porém, de ti. Que, sim. Talvez de
tua carta de julho passado, que eu recebi como a
te recebia, a T., entre abraços e beijos, m'um júbilo
incontável. E que bem ella me fez! Veio transtór-
= dante, de tua meiguice, disse-me tão ardente-
mente coisa tão bella que eu me fiz louco d'allegria,
andei a reler tuas phrasas, a murmurar-as, a esqua-
-drinhar suas entrelinhas com o alvoroço, o entorpecimento,
a alacridade d'um emmanado feliz. Contas me

Carta XV Inédita

20-XII-901

Às 10h. da noite

Emiliano

Meu Deus! que escrevi eu, que falta inconsciente commeti para magoar o coração do Emiliano e o do Dario? — É o que pergunto a mim proprio, desorientado pela tua laconica, reprochativa carta de 14 do corrente, recebida hoje.

Não sei, scb palavra d'honra. A longa e fastidiosa carta, em e tiras de máo papel, garatujada como Deus me ajudou aos olhos, tinha uma pequenina qualidade — era sincera. Eu a escrevi como se te falasse, como se tivesse junto de mim o teu coração amigo e esse teu lindo olhar, quente e negro, mas suave, como um sol atravez um vitral d'onix negro. Eu a escrevi com toda a confiança no dece, consolante affecto do Dario, esse Mago louro e moço, Mago da Meiguice da Espiritualidade. E falas-me, meu amigo, em frieza!!... E feres-me, meu querido, attribuindo-lhe, a essa rabiscada carta, intenções de rompimento!!... De rompimento!!... Enloqueço! Não posso, por mais que rebusque na memória, encontrar phrase, palavras, signal, que lhe deem desse crime. De tudo quanto lhe puz, estonteadamente rescambra franqueza e amizade, papaguêi com a alegre estouvige d'um bom rapaz, talvez um tanto leviano. Foi a minha falta?...

Dei liberdade á penna, não duvido, e a demasia desandou em algaraviada de marujos tropego. Mas, disso à rompimento, vae distancia incalculável.

Foi uma injustiça que me fizeste... E sabes bem que injustiças dos que são amados dóem muito.

Assim, confiado no muito que te mereço e tranquillisado scbre a rectificação do teu julgamento, rogo-te o favor de dissipar do espirito do Dario qualquer suspeita de um intento que não tive, que jamais terei, nem por vislubras!.

Agora, dar-mes-ás licença para uma observação. Eu serei incapaz de te obrigar a sacrificios pecuniarios. Sei que ahi luctas com as necessidades do viver, que os teus dias não se passam entre commodidades e gosos. Portanto os 150\$00 que, generosamente, me remetteste, representam um mal-entendido teu. Se nesta falada e infeliz carta toquei em casos de dinheiro foi, garanto-te, para esclare-

cer os repetidos adiamentos da minha viagem á Curitiba, que é o meu mais acariciado desejo, e tambem, com franqueza te direi, para desculpar-me das demoras na resposta de cartas. De nenhum modo eu me refereria a **isto** para te obrigar a desembolçar, a que, verdadeiramente, não tenho direito. Se entre nós ha devedor, este sou eu, mas unicamente — eu.

Agradeço-te, pois, a offerta solicita, mas não n'a considero pagamento, nem te exijo semelhantes sacrificios. De ti quero o que julgo merecer — o teu coração; diria: o espirito, se a phrase não resvalasse por má interpretação, porque o teu espirito é de todos que amam a Arte, é meu, será de outros, bem certo, mas como nosso culto, como luz e consolo nosso. Por isso, estou em anseios de nupcias vesperaes por essa promettida **Allegoria**¹ torre floreteada do Sonho sobre a pedra firme da Critica.

Do **prefacio** te direi que... Dize me aqui: Esta **vacilação** não é um acto de consciencia? Não temes que eu não te comprehenda com o necessario Entendimento?... — Dirás: Se por tanto fosse eu te não patreciparia meu desejo. — Mas... Ora, Emiliano! duvidas que eu aceitasse tão grande honra?... Que subtil e amarga philosophia anda a pontear teu espirito na Desconfiança cruel?

Abraça muito ao Dario, e ao Julio, e a todos que nos são queridos. E para os "nossos prazeres" que esta carta te seja como um beijo de segurança e amizade do

teu de sempre para sempre

G. Duque

1. Ver nota 5 à carta XII.

2. **Allegoria** não traz qualquer prefácio, porém como dissemos foi dedicada a Gonzaga Duque e Dario Velloso.

20-XII-901

de 10 h. manhã

Emiliano

Meu Deus! que escravidão, que falta de consciência
- te commetti para magoar o coração do Emiliano
e o do Dario? - É o que pergunto a minha pro-
- prio, desorientada pela tua doçura e reproche.
- na carta de 14 do corrente, recebida hoje.

Não sei, sob palavra d'homem. A longa e fastidiosa
- ha carta, em 3 tomos de mão papete, garantida como
Deus me ajudou ao olho, tinha uma pequenina qualida-
- de - era rimada. Eu a escrevi como de te falasse, co-
- mo se tivesses junto de mim o teu coração amigo e es-
- se teu lindo olho, quente e negro, mas euas, como um
sol atroz, um vital d'ouro, negro. Eu a escrevi com
toda a confiança no doce, consolante affecto do Dario,
esse Mago louro e moço, Mago da Meiguice da Infi-
- nidade. E folo-me, meu amigo, um friozinho!... E
falo-me, meu querido, attribuindo-lhe, a essa re-
- cada carta, intenções de rompimento!... de rompimento!

Carta XVI¹

Emiliano

Se estivesse aqui ao meu lado, certo que se me não partiria o coração assim, nesta dôr brutal!

Recebi o teu telegramma, teu e do Dario, e beijo-lhes as mãos agradecido. Chegou-me opportunamente; eu necessitava de todos os que quêrem, de todos os bons, os generosos affectos que me amparam nesta humilde, dolorosa vida por onde vou deixando farraços d'alma e o coração em lôdo.

Comprehendes bem a minha dôr. É um infinito de favor sobre esta migalha despresivel, que eu sou.

E fala se me em ilusões!... Alma imortal... evocação do espirito... reencarnação!.. É eu mesmo vou como um louco, pela Norte negra desta Magoa, a delatar as pupillas sonnambulas em busca da Illusão...

Lembras te do meu Haroldo? Tu o tiveste, muitas vezes, entre os braços, na nossa sala de jantar... Era lindo! eu, propositalmente, o dizia feio. Não avalias como se tornára intelligentel! Á proporção que a idade augmentava o seu pequenino cerebro adquiria uma lucidez formosa, julgava com tanta segurança que parecia clauvidência.

Fizera se esguio e pallido, a cabeça era lhe grande, um tanto excessivo para o seu corpo, mas a belleza fascinante de seu olhos, a côr loira de seus cabellos sedosos, a meiguice de seus risos, o subentendido de suas expressões, o tornavam bonito. Crê bem sabes que não sou um pae ridiculo. O que te digo é verdade: Haroldo promettia me ser o que eu desejava — um grande intellectual e um grande delicado. Estava talhado para o soffrimento, mas, seria moral espiritualmente, um Homem.

E veio o Acaso, e veio um Accidente, roubo m'ô, na ocasião em que convalescia d'uma enfermidade por desastre, cujo tratamento lhe fôra doloroso, lhe esgotára as forças... Aqui me tens meu bom, meu tanto amigo; aqui me tens inutil deante desta Dôr que não esmorece, aturdido por este Acaso que não comprehendo.

Que sei eu? Tinha o meu filho com um amor de que nem suspeitavas... tinha-o em meus braços, caridosamente, idolatradamente. A idade me figura mais sensivel ás doçuras do lar; as doenças

1. Ver nota 1 à carta XII

me hyperesthesiavam. Tornei me um **pae**, um bom pae, como vulgarmente se diz. Hoje sou um vencido. Foram se os meus delicados affectos. Que sei eu?...

Carinho, a indagar dos segredos que me cercam o Segredo desse passamento. Que é a vida futura? Tu sabes?... Illusões me chegam, E illusões me falam. Mas, tudo isso sei que é illusão, pelo menos julgo assim.

De positivo só uma coisa me resta — a verdade da morte de meu filho. E isto é tudo. Se a alma me fosse pura, se me não houvesse estragado o carmins da Experimentação, se a meia sciencia que o materialismo me deu não houvesse corrompido a minha ingenuidade, encontraria consolo na doce doutrina dos Espiritos, nas paginas de Leon Denis que venho de ler.

Infelizmente, o scepticismo roçousou por mim e me balbyou; a pretenção analysadora me seccu a credice. A razão me diz que existe algo de real nessa doutrina, mas este maldicto livre arbitrio quer provas, exige factos, pede comprovações.. E eu que me supplicio com a recordação de meu Haroldo, augmento o martyrio com a insaciedade deste espirito soffrego, os cilios entre estes dois pólos — a affirmação e a duvida.

Vês claramente o meu estado. Estas linhas, que escrevo, são a prova evidente da minha perturbação, porque não téem nexos, nem forma. É a penna que as vae traçando, da mesma forma que a lingua diria se a tua paciencia aqui estivesse em a tua pessoa. Mais tarde é provavel que te escreva com maior coherencia. Por enquanto o que posso fazer é isto— Lastima — me e perdôa-me; mas, antes disto, recebe sobre tuas faces um beijo agradecido de quem é e será para todo o sempre

Amicíssimo e grato

G. Duque.

5 — Fevereiro
1902

Nota a margem da primeira página:²

Pretendia escrever ao Macedo, cumprimentando-o pela entrada de anno, mas me sinto impossibilitado.

2. Nota não incluída no texto da revista *América Latina*

Emiliano

Se estiveres aqui ao meu
lado, certo que de tua mão partiria o
coração aceso, nesta dor bruta!

Recebi o teu telegramma, tu e o
Dario, e beijo-lhes as mãos agradecido. Chegou-me oportunamente; eu
necessitava de todos os que me querem,
de todos os bons, os generosos affectos que
me amparam nesta humilhação, salvação
nada por onde vou deixando parapeiros
d'Alum e o coração em luto.

Compreendes bem a minha dor.
É um infinito de favor sobre esta

Carta XVII¹

Prefeitura do
Distrito Federal
Sub Diretoria de Rendas.

Em 16 de Abril de 1903

Emiliano

Escrevo te deste inferno, por onde o divino Dante não arrastou as sapatas florentinas, para não perder o **Desterro**, cuja mala será fechada amanhã às 8 1/2 h. do sol.

Horas depois de ter respondido ao teu telegramma do dia 15, hontem, recebi das mãos de um soldado o volume dos 10 exemplares d'**Allegoria**. Não avalias com que soffrignidão abri o capeamento, não calculas a emoção com que li, devorei este formoso e extraordinário livro! Formoso, porque, artista como és, comprehendeste a necessidade de fascinar os olhos e o tacto, antes de dominares a alma de quem te lê, melhor direi — de quem te ouve, porque é uma rara, inedita, incomparavel symphonia de palavras e pensamentos, a phrase emocionante, interpretavel, mystericsa e faiscante, crêspa de coleras e velludosa de queixas, toda pedrarias e toda perfeição — esta que se desdobra nos meus olhos hypnotisados.

Ah! não póssó dizer te, neste pedaço de papel, neste barulho de feira ,tudo quanto desejava...

É apressadamente que te escrevo, interrompido de instante á instante. Que supplicio!

Mas, dir-te-ei brevemente. Conversarei contigo com o delicioso, voluptuoso vagar que o assumpto exige. **Allegoria**, Emiliano, é uma obra victoriosa, obra que não se perderá jamais da memoria dos Afflictos e dos Solitarios, obra como um céu de noite de verão, inaccessivel aos que não teém crença bastante para se elevarem até elle, e como elle vasta, pelluciados de pós mysterios de luz indeterminadas fiapagem luminosa dos astros que se formam! E como elle, aberto sobre o nosso Espirito, attrahindo-o, conquistando-o, dando-lhe esse forte pensar abstracto consolo das Alturas onde a Fé assegura existir o Bem Supremo.

1. Carta publicada por Andrade Muricy (ver nota 1 à carta VII) como tivemos acesso ao documento original é pertinente chamarmos atenção para o timbre da Prefeitura (sub diretoria de rendas) elemento que contribui para esclarecer sobre o período em que Gonzaga Duque respondeu pelo referido cargo, dado que entra em choque com a "Apresentação" de *Mocidade Morta* (edição citada)

Vês como a penna correr? Nem sei o que te vou dizendo, é minha alma que escreve. Ella está contigo, na communhão do nosso entendimento.

Atropella se me a phrase na presteza da escripta, tenho em torno de mim o Pavor de cem milhões de olhos, de cem milhões de fauces... A féra Multidão que escabuja e uiva...

Deixa me repousar. Logo, amanhã, por uma dessas noites de paz e melancolicamente frias, que são as noites em que melhor se ama, melhor se vive, eu te escreverei conscientemente. Vou começar a distribuição da **Allegoria**. Veremos a **onosarchia** zurrar. Tudo o que dissérem da tua **opera**, eu te communicarei com a remessa d'um exemplar.

Perdôa me esta carta, sem valor. Não a quiz demorar.

E beijo te nas faces, e beijo te comovido e agradecido pela dedicatória d'**Allegoria**,² o teu

de sempre e para sempre



Presidência da República
1903

Em 16 de Abril de 1903

Emiliano

Escrevo-te desde inferno, por onde o diabo
Dante não arrostra as expiações florentinas, para
não fender o Desluzo, cuja mala será fechada
amanhã às 8 1/2 h. de vol.

Logo depois de ter respondido ao teu telegram.
e mais de dez 15, hntes, recebi das mãos de um soldado
o volume das 10 exemplares d'Allegoria. Não analiso
com que offerecimento abri o capicamento, não calculo a
suação com que li; devesi este formoso e extraordinário
livro! Formoso, porque, artista como és, comprehendes
a necessidade de fazerem o livro ao Teu, antes de terminares
o livro de quem li li, melhor diria - de quem te ouve,
porque é uma obra, inédita, incomparável symphonía de
palavras e pensamentos, de phrases sensivelmente interpretativas,
mysteriosas e faiscantes, crepita de palavras e mistérios de...

2. Ver nota 2 à carta XV.

Carta XVIII fragmento inédito¹

Prefeitura do Districto Federal

Em 8 de Maio de 1906

Gabinete do
Diretor Ge-
ral da Fazem-
da

Emiliano

O nosso querido Dario dando-me a desagradavel noticia da tua enfermidade do larynge, deixou-me, no entanto, a esperanza de que, dentro d'um mez ou pouco mais, eu teria a felicidade de te abraçar.

Disse me elle que o teu mal não tem gravidade, é incommodativo, porque, professor como és e advogado, precisas de voz clara. Creio que isso recuperarás aqui facilmente. Temos bons especialistas e ha magnificos gabinetes para um tratamento seguro. Vem, vem, o mais breve possivel. Ficarás em nossa casa que não é acanhada com a outra a que tu conheceste e onde passamos algumas noites. . . Recorda-te?

Pelo Dario saberás da felicidade que teras em nossa casa; nada te constrangerá, poderás ter um commodo, arejado e vasto, independente dos nossos commodos. Só a minha pobreza de pecunia e de espirito, é que te será impecilho para o gozo de um tempo de férias.

Vem, vem para o nosso tecto. Conversaremos. Oh! se conversarmos! . . . Eu te ouvirei, cheio de saudade da tua prosa incomparavel; exaltado pela tua imaginação inesquecivel. Quando embarcares, telegrapha-me. Irei ao teu encontro.

Até que um dia! . . . Parece-me um sonho. Vem breve, mas não atarefado como o Dario² com que mainda não conversei uma hora

-
1. Esta carta apresenta uma série de dificuldades: não só é um fragmento, como a parte desaparecida é exatamente o final, onde estaria a assinatura. A autoria pode ser problematizada por algumas alterações na caligrafia se bem que um exame detalhado aponte uma série de constantes. Certamente é de autoria de Gonzaga Duque pelo timbre do Gabinete do Diretor Geral de Fazenda da prefeitura do Distrito Federal, pela referência aos tempos da boemia e ainda pela menção à idade, quarenta e três anos, idade que teria efetivamente neta época (n. 1906).
 2. A viagem de Dario Vellozo ao Rio de Janeiro não é mencionada na obra **Dario Vellozo: Cronologia** de Erasmo Pilotto (Curitiba, INP, 1969).

Observação: As cartas manuscritas fazem parte do espolio de Emiliano Pernetta pertencente a Fernando Vellozo, que gentilmente nos cedeu a correspondencia recebida por Emiliano.

seguida. As nossas palestras tem sido como os dialogos de ratos de baile, sem banalidades características, mas curtas, borboleteantes, estonteadas. A noção do dever, em Dario, é a coisa mais extraordinária que tens conhecido nos meus 43 annos, elle não perde um minuto da hora comprometida. Tem pelo cumprimento da palavra o culto religioso dos druidas. Assombra-me que me humilha; e descuidado, indifferente, relaxado, inutil, trapo como soul. . .

Será possível tanta dignidade, tal amor-próprio?! . . .

Mas mesmo por mim, Dario segue seus conhecer o Rio. Elle não viveu aqui, foi uma acção, foi um effeito electrico. Andou movido por impulsores ce cem milhões **Walts**. Tu não serás assim, não é verdade?... Trarás a calma, trarás a tranquillidade mecessaria para vêr-nos o Rio de hoje que não é, absolutamente, o Rio de. . . .



Prefeitura do Districto Federal

Em 8 de Maio de 1906

Emiliano.

O meu querido Dario dando-me a desagradavel noticia da tua enfermidade do larynge, deixou-me, no entanto, a esperanza de que, dentro d'um mez, ou pouco mais, eu teria a felicidade de te abraçar.

Dize-me elle que o teu mal não tem gravidade, é incommodativo, porque, professor como és e advogado, farias da voz clara, coisa que não reempensarás aqui facilmente. Temos bons especialistas e ha magnificos gabinetes para um tratamento seguro. Vem, sem o mais leve pretexto. Ficarei em minha casa que não é acanhada como a outros,